

Stadium

N.º 298

18 de Agosto de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

FERNANDO MOREIRA

Vencedor da 13.ª Volta
a Portugal



FERNANDO MOREIRA

Ano VI — II Série — N.º 204
Lisboa, 18 de Agosto de 1948

bateu o recorde da média geral, fazendo 2.245 km.
em 68 h., 49 m. 11 s. — 32,621 quilómetros à hora

**A luta PORTO-BENFICA, por equipas, valorizou
a prova. Fernando Moreira foi o único
português que vestiu a «camisola amarela»**

(De RODRIGUES TELES, nosso enviado especial)

Estamos já em Tavira, onde os corredores tiveram um dia de descanso que bem mereciam, pois a difícil travessia do Alentejo a todos molestou.

A «camisola amarela», que no Porto foi vestida pelo espanhol Emilio Rodriguez, que a recebeu de Berrendero, como este de Rodolfo Atilio, não scaridou ainda o corpo de qualquer ciclista português.

Entretanto, temos homens capazes de a conquistar. Fernando Moreira, João Rebelo e José Martins têm categoria da melhor, categoria igual à dos melhores estrangeiros que estão na «Volta», mas precisamos de uma aragem de sorte. Não a tendo, até Lisboa, e poucos dias faltam já, deixámos que Emilio Rodriguez se considere vencedor da nossa melhor prova velocípica. Mas nós temos confiança principalmente em Fernando Moreira que não deixará de atacar no momento próprio.

Claro que já se sabe, nesta altura, quem ganhou a competição. Talvez por isso estas notas, que vamos escrevendo pelo caminho, tenham hoje certo sabor.

A prova, desde o Porto para baixo, tem tido certas dificuldades para os corredores. Primeiro, a chuva, que já nos perseguiu em Braga, até Arcos de Valdevez. Depois, à saída do Porto — verdadeiro temporal strapalhou o esforço atlético dos homens da «Volta».

Isso não evitou, porém, que do Porto para Tavira, passando por Sangalhos, Figueira da Foz, Leiria, Santarém, Évora e Beja, se gastassem apenas 3 dias! Com um salto desta natureza ficou provada a boa resistência dos nossos estradistas, e também a excelente adaptação dos concorrentes estrangeiros.

Que nestes 3 dias, é bom não esquecer, passamos pelo Alentejo árido, onde se levantavam nuvens de poeira, onde o sol escaldava os corpos. As estradas alentejanas foram mal escolhidas, preferindo-se o pior, e os corredores sentiram nitidamente os efeitos. À chegada a Tavira, se o dia de descanso os não animasse, talvez se registassem desistências.

Já se sabe que desistiram até aqui 37 corredores! Não se esperava que alguns, como Luís Longo, Moreira de Sá, este devido a doença, Felix Bermudez, Onofre Tavares e João Lourenço, por exemplo, abandonassem a prova.

A maioria das desistências, porém, eram aguardadas. Inescreveu-se gente de mais, algum ciclista sem categoria bastante para aguentar as dificuldades de uma «Volta» dura. Julgamos que os dirigentes devem julgar o caso de futuro.

Deixando de lado as «pequenas coisas», a que fazemos referência, diga-se que se jogam as cristas entre o F. C. do Porto e o Benfica. Cada um destes clubes conta com 3 ho-

mens da melhor classe: Fernando Moreira, Berrendero e Dias dos Santos, de um lado; João Rebelo, José Martins e Julio Mourão, do outro. Há receio sobre o «terceiro». Em nosso entender, e podemos repetir que estamos a escrever de Tavira, o melhor «terceiro» provocará a vitória definitiva.

De qualquer dos modos, não podendo contar-se com a equipa do Sporting, nasceu no ciclismo a rivalidade entre o Porto e o Benfica. A 13.ª «Volta» tem valido por isto mesmo, na ponta final, como a principio valeu pelos arrancos velozes dos franceses, interrompidos quando as estradas não ajudavam...

...E com a camisola amarela no corpo, Fernando Moreira nunca mais a largou. A vantagem de três segundos, adquirida em Faro, foi aumentando em Beja, Setúbal, e agora já não existiam dúvidas, a ninguém da Caravana, de que o valeroso corredor do F. C. do Porto não seria facilmente batido.

Seria preciso não conhecer Fernando Moreira — o seu valor de estradista e a sua fibra pessoal. Na etapa Beja-Setúbal, Fernando Moreira cometeu a sua melhor prova da «Volta».

Era já o «camisola amarela». A bastantes quilómetros da partida, José Martins, Gueguen, M. Palmeiro e Atilio, levavam cerca de 10 minutos de vantagem do pelotão onde seguia Fernando Moreira. Não seria a derrota do «leaders», pois Emilio Rodriguez e João Rebelo estavam ao pé dele, não fugiriam, com certeza, mas seria a derrota da equipa do F. C. do Porto.

A certa altura, para lá, muito para lá de Alceger do Sal, enquanto o pelotão dos 4 fugitivos se dispôs de beber água, junto de uma fonte adorável, outro tanto não fez o pelotão da retaguarda. Todos desmontaram, mais ou menos. Fernando Moreira banhou-se mesmo em cima da máquina, sempre alerta, com os olhos postos nos mais perigosos adversários. Um popular, visando especialmente o «camisola amarela», foi sobre ele com uma espécie de «pneu» cheio de água, e Moreira bebeu e molhou-se. Nesta altura, o algarvio Francisco Cerro, fuge; na sua cola, duas camisolas encarnadas e logo Moreira, que a principio só viu a cor...

Do cimo da estrada à fonte distavam cerca de 100 metros. Fernando Moreira, reconhecido já que os seus adversários de agora eram António Maria e Santos Gonçalves, do Benfica, e Francisco Cerro, do Louletano, olhou para traz na altura em que Emilio Rodriguez, paria. 100 metros não era nada, faltando ainda muitos quilómetros. Rôla, do Sporting, vinha também perto. Fernando Moreira aproveitou a distância. Atre-

vido, embelou com uma velocidade extraordinária.

Os atletas do Benfica, muito naturalmente, ainda quiseram travar a marcha, indo para a frente uma vez para impor um andamento lento e dar tempo a que o pelotão seguinte os acompanhasse, Fernando Moreira, entretanto, destruiu tudo. Sempre à cabeça, puxando diabólicamente, obrigou os companheiros a andar se o quisessem seguir...

Foi então que Maximiano Rôla se chegou à frente. Toma o comando, de vez em quando, na altura que Moreira se afastava proposadamente para isso, e viu-se o «leão» colaborar dedicadamente no ataque.

A breve trecho, a distância de 100 metros tornou-se em quilómetros. Em Alceger do Sal, a vantagem era de 2 minutos. E mais adiante, em Águas de Moura, era de 61... Santos Gonçalves já ficara para traz, sem poder acompanhar os fugitivos. Fernando Moreira não parava, mantendo um ritmo de «contra-relógio».

A certa altura, viu numa curva um dos homens da fuga — o excelente francês Gueguen. Dentro de pouco tempo estava junto dele, mas para não parar pois o grupo perseguidor passou pelo homem do Académico do Porto — como uma seta. Mais uns poucos quilómetros, e José Martins, Atilio e Palmeiro tinham novos companheiros, com muita surpresa sua. Embora avisados da perseguição de Moreira e Rôla, não puderam evitar a recolagem. Manuel Palmeiro, depois, ficou para traz, visto que Moreira apanhando os da vanguarda, não descansou, caminhando para Setúbal com a mesma velocidade.

É, de facto, uma autêntica proeza. Ter 100 metros, escassos segundos, e ganhar minutos dentro de pouco, só pode estar ao alcance de grandes corredores. Não esquecendo ainda que o grupo de José Martins levava 10 minutos de avanço, que foram completamente anulados.

Depois de Setúbal, pouca história poderá fazer-se. Ao partir para Lisboa — quis João Rebelo fugir. Logo Emilio Rodriguez. Mas nenhum deles o poderia fazer sem Moreira. O campeão integrou-se imediatamente no grupo, e leva ainda consigo Dias Santos, companheiro de clube. Assim, o Benfica estava ainda em inferioridade, e o pelotão que ficara pôde juntar-se aos fugitivos.

Minutos volvidos — outra fuga; António Maria e Manuel Palmeiro. É claro que, nesta altura, fazem-se contas. Os bons ciclistas tem os tempos dos adversários na cabeça, e tanto António Maria como Palmeiro estavam atrasados. Deixaram-nos seguir. A um adepto fervoroso do Benfica, ouvimos em Almeirim, as seguintes palavras:

— Mas porque não veio com estes dois, Rebelo? A esta hora seria o vencedor da «Volta».

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.^ª
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Uma pessoa do grupo, por certo mais entendida de ciclismo, observou logo:

— Ora essa! Porque vem ali um homem que se chama Fernando Moreira...

De facto, nada mais verdadeiro. Nesta etapa Setúbal-Lisboa, por Santarém, numa estrada admirável como a de Pegões, todos os ciclistas estavam «marcados» cuidadosamente. Moreira tinha atenção a um; Berrendero, sobre outro; Dias dos Santos — outro. A equipa do F. C. do Porto defendia com unhas e dentes o primeiro lugar, e beneficiou largamente da passividade dos homens do Benfica. O ataque desenvolveu-se de facto à saída de Setúbal, mas ao golpe de Rebelo responderam logo dois homens do F. C. do Porto, nada mais se fez de notável pelo caminho.

Ora, ao F. C. do Porto não interessava atacar. Servia-lhe a vantagem de Fernando Moreira e da sua equipa. Assim, o pelotão entrou no Estádio com 23 minutos de atraso de António Maria e de Manuel Palmeiro, que só abandonou o seu colega de fuga junto do Aeroporto.

As duas últimas etapas tiveram, portanto, sucessos absolutamente diferentes. Na de chegada a Setúbal, a garantia de Moreira e da sua equipa. Na ultima, por certo, o convencimento de que nada mais haveria a fazer.

A 13.ª «Volta» teve bons vencedores. Fernando Moreira, ganhando só uma etapa, correu com muita «cabeça», vigiando sempre os adversários mais rijos, aproximando-se sempre dos homens da vanguarda a pouco e pouco. Na altura própria, cerrou os dentes — e triunfou.

A sua equipa também foi igual e acompanhou-o com espírito de luta, dedicadamente. Dias Santos foi uma revelação, pois nem sempre teve sorte. Berrendero, — um homem que conhece os segredos do ciclismo como poucos. Deste modo, os portugueses podem sentir-se satisfeitos com a actuação dos seus homens. Pois Joaquim Costa e Joaquim Sá também lutaram com brio.

No lote do Benfica, José Martins «apareceu» tarde. Teve um mau principio de prova, atrozando-se muito. Mas quando a «Volta» descia de Norte para Sul já Martins era outro. João Rebelo foi o que se classificou melhor, na verdade. Mas a Rebelo falta «qualquer coisa» para vencer. Uma vez — vibra; outras — desanima. Um elemento que fez boa prova — Júlio Mourão. Os acompanhantes do Benfica e do F. C. do Porto tinham sempre o maior cuidado com o trabalho do seu «terceiro» corredor; Julio Mourão e Dias Santos. Há, via, quase sempre, este dispositivo: para João Rebelo

Stadium

Stadium

oferece mais uma SEPARATA a cores FERNANDO MOREIRA

a sair no próximo número, dia 25

Aos nossos agentes e a todos que a desejem adquirir, pedimos o favor de se dirigirem à nossa Administração com a devida antecedência.

RUA DA ROSA, 252

—Fernando Moreira, para Martins— Berrendero; para Júlio Mourão — Dias Santos...

Do Benfica para baixo, encontramos por ordem de classificação — Académico do Porto, Sporting, Louletano e Távira, pois houve clubes que ficaram sem equipa na prova: Sangalhos, Salgueiros, Boavista, S. Felix da Marinha, Rádio Marconi e Cova da Piedade. Também desistiram muitos corredores — mais da metade, o que leva a aconselhar certos cuidados no recrutamento futuro.

Os academistas portugueses contaram com Roger Chupin, Gueguen e Atílio, os dois primeiros franceses e o último italiano, na sua equipa. São de facto bons corredores, e demonstraram-no em boas estradas. Na pista, excelentes. O contra-relógio de Loulé foi admiravelmente atacado pelo francês Gueguen, que fez menos 15 segundos em relação a Fernando Moreira. Mais fracos, no Académico, Manuel Cardoso e Manuel Moreira.

Quanto ao Sporting, lamenta-se a sua classificação. Mas não tinha equipa para fazer melhor, uma vez registado o abandono de João Lourenço, Luís Longo e Paulo Pothée. Sobre estes dois últimos não temos pontos de referência sobre a «forma» dos últimos tempos. Luís Longo foi bom há épocas, no Sporting. Parece que ainda é bom na pista. Pothée não era conhecido.

Nesta «Volta», sobre estradas boas e más, não agradaram. Encontrámos muitas vezes em toada de passeio. Maximiano Rola foi sem dúvida o mais alegre e mais valoroso homem do Sporting. Bem acompanhado, poderia ter ido longe. Manuel Rocha e Aristides Martins mantiveram-se dentro das suas possibilidades e concluíram a «Volta». Isto também é importante.

Temos, na cauda, duas equipas de centros algarvios, separados apenas por 47 quilómetros. A rivalidade lo-

cal continuou na prova, e alguns tavienses e louletanos impressionaram o mais agradavelmente possível.

Foi pena que desistisse Inácio Ramos. Pareceu-nos um bom elemento. Rolandino Palmeiro, vencedor da etapa de Távira, tem muito génio, mas seu irmão Manuel é mais ciclista.

Joaquim Apolo e Manuel Apolo, de Loulé, também irmãos, deram-nos a impressão de valerem muito. São duros, bons roladores, e embora se não notabilizassem com fugas ou outras iniciativas, andaram sempre muito perto dos pelotões da vanguarda, aguentando melhor os andamentos dos azes.

Está feita uma apreciação geral. Sobre esta «Volta», salvo uma ou outra referência que pode ficar para depois, pouco mais há a dizer.

Talvez que Fernando Moreira é agora o recordista, pois andou 2.245 quilómetros em 68 horas, 49 minutos, 11 segundos, o que dá a média de 32,621. O recorde anterior estava na posse de José Martins — 31,435, estabelecido há 2 anos.

Rodrigues Teles

Desistências

Na 2.ª etapa — Alexandre Mendes, Boavista; Rogério Coelho, Alvaro Carneiro e Guilherme Silton, Salgueiros.

Na 3.ª etapa — José Gonçalves, Sangalhos; Onofre Tavares, Benfica; Joaquim Mendes, Manuel Felício e Fernando Sousa, Boavista; Domingos Carvalho, Académico.

Na 4.ª etapa — Aniceto Bruno e Moisés Moia, F. C. P.; Jorge Pereira e Baltazar Rocha, C. da Piedade; Anibal Rocha, Louletano; Manoel Gomes, Boavista; Alves Lácio, Sporting.

(Continua na página 8)

EM PLENA VOLTA!

O "camisola amarela"

confiava nos seus recursos

Fernando Moreira disse-nos, num momento de aborrecimento: — Deixarei de correr... Mas logo vieram saudades do ciclismo!

Temos Fernando Moreira junto de nós. Acabara de nos dizer, já com a «camisola amarela» vestida, — que corria pela última vez a «Volta a Portugal» em bicicleta e lá abandonar o ciclismo!

Surpreendeu-nos a revelação. A ouvir a nossa conversa estavam todos os corredores do F. C. Porto, cuja ligação e camaradagem era notável, e António Dias Santos, um dos belos elementos da «Volta», diz para o campeão: — Olha, Fernando: Eu digo sempre o mesmo. Quando me sinto aborrecido, contrariado, afirmo imediatamente: «vou abandonar a bicicleta». Isto é só para malucos! Porém, já estou cá a pensar numa coisa...

— Em quê? — pergunta-lhe Fernando Moreira. De il não vem coisa boa...

— É que a «Volta» termina no domingo e não vejo nada anunciado para o domingo seguinte. Eu também penso: — vou acabar com isto. Mas o domingo passa e anseio imediatamente por outro corrida!

Todos riram com a intervenção, um espírito agostado e simples. E nós aproveitamos a ocasião para saber alguma coisa.

— Vel abandonar o «ciclismo»? — Tenho esses ideais. Eu não gosto de assistir a certas coisas, e como não estou para aborrecimentos, antes quero tomar esta decisão.

«Dentro de pouco tempo vou a Paris tratar de assuntos ligados à minha casa comercial. Farei algumas corridas este ano, mas... estou satisfeito.

— E ele e dar-lhe! — interrompe Dias Santos. Está hoje de todo! Seria melhor fazer-lhe perguntas amanhã...

De facto, a conversa ficou por aqui. Ao outro dia, enquanto Jorge Garcia, o nosso fotógrafo, «brincava» aos bonecos com Fernando Moreira, fomos colhendo outras impressões.

— O Fernando hoje parece-me bem disposto...

— Estou mesmo!

— Então, temos homem no ciclismo?...

Fernando Moreira sorriu. Lembrou-se dos ditos da vespera, com certeza. Não respondeu.

— Então, o que me diz?

— Sobre a «Volta»?

— Não, sobre o seu abandono...

— Eu hei-de viver toda a vida melido com as bicicletas. Bem sabe que tenho uma casa de certa categoria, mesmo fabricante, e por isso preciso de olhar por ele. Julgo entretanto, que não preciso de correr para a Impôr. Todavia, é de facto digno de revisão esta minha atitude. O ciclismo aborrece muitos vezes, lá isso é verdade...

— Então, quanto à «Volta»...

— Julgo que vou ganhar!

— Mas só leva 3 segundos de vantagem...

— Seberel segurá-los. Emílio Rodrigues, o mais directo competidor, não me fugirá...

— Mas ontem testávamos em Beja) deixou fugir João Rebelo a 2 quilómetros da meta... E João Rebelo também é perigoso.

— Bem sei. Mas ohe que João Rebelo fugiu e eu mesmo lhe disse: «Vai-te embora! Eu cá sigo na roda do Emílio...»

— Que lhe parecem os ciclistas estrangeiros.

— Não falando de Berrendero, meu camarada de equipa, cuja acção e desportivismo tenho de salientar, gosto imenso de Emílio e de Délio, verdadeiros homens de grandes percursos. Os franceses Gueguen e Chupin, andam nos estradas boas com uma facilidade impressionante. Como Atílio. Também gostava de Felix Bermudez. Lamentei a falta de espírito competitivo revelado por alguns.

— E dos portugueses?

— Continuo a dizer que José Martins e João Rebelo são ótimos estradistas. O meu colega de clube, Dias Santos, está igualmente em boa forma, e Moreira de Sá abandonou por doença.

«Também me impressionaram agradavelmente vários homens do Algarve. São trabalhadores. Alguns, fugiram logo após o partida, — e ganharam! Mas ohe que no ciclismo não há resistência para «partidas» dessa ordem. Eu bem vi, há 1 ano e há 2 anos, o que me aconteceu! Este ano já não fui nesse conversa...

— Quer dizer que...

— Desejo ganhar a «Volta» e isso consegue-se apenas com muita cabeça e muito cuidado.

— Daqui até Lisboa — o que fará?

— Tudo, para vencer. Só por desastre deixarei perder a oportunidade. Se tiver como aberturas — procurarei aumentar a vantagem. Se não tiver, estarei sempre na sombra dos mais bem classificados...

E Fernando Moreira cumpriu Na etapa que terminou em Setúbal, foi inegavelmente de valentia.

E a entrevista continuou, na cidade das murgens do Sado.

— Parece que já não existe sombra de dúvida...

— Garanto-lhe que os 3 segundos já me chegavam. Não os perdias. Mas, é claro, 7 minutos e pico dá outro conforto. Estou absolutamente de vontade.

— O que deseja, agora?

— Souder todos os meus amigos e simpatisantes. Devo-lhes muitas provas de gratidão. Pelo estada fora, comovi-me com algumas manifestações.

— Mais nada?

— Sim, chegar ao Porto. Mas agora não vou de bicicleta...

Fernando Moreira não tinha mãos a medir. Depois de chegada, todos o queriam felicitar.

E nós já linhamos ouvido o suficiente...

Rodrigues Teles

ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

Apresenta a extraordinária parella de baile

Lolita Torres y Pepe Ballesteros
Los Mejores de Espanha

Num grandioso programa de variedades internacionais com:

YOLANDA e DANY ET DINA e SOISIE CAMPBELL

Carmelita de Cordoba, Mary-Mell, Ballet Dix Louise
Girl's e Mabel Valencia

Música constante pelas Orquestras Larrea com a vocalista Josita Tenor e Arcadia

CRÓNICA OLÍMPICA

Impressões de João Jacinto, nosso enviado especial

West Dayton 5

Apesar de não termos dado por grandes resultados, vimos pelo menos boa técnica, principalmente do finlandês e do americano Seymon. Apreciamos em quase todos os concorrentes as seguintes características:

Corrida lenta e excelente chicotada, saindo o engenho perfeitamente e com optima trajectória. A prova do dardo foi interessante.

Resultados: Rantavaara (Finl.) 69,77; Seymon (U. S. A.) 67,56; Vargezuy (H.) 67,03 — Vesterinen (Finl.) 65,89 — Machimes (N.) 65,32 Biles (U. S. A.) 65, 17.

Nas eliminatórias Biles fez 67,68 e o sueco Besglund 67,02 não conseguindo repetir o mesmo resultado à tarde, na final.

Ostermeyer é uma excelente atleta francesa que juntou ao título do disco, o do peso com o bom resultado de 13,75.

Resultados: Ostermeyer (Fr.) 13,75 — Piccini (Itália) 13,095 — Schaffer (Austria) 13,08 — Vest (Fr.) 12,985 — Kamakova (Ch.) 12,92 — Bruk (A.) 12,50.

Formidável, esta Blankers-Koen que corre mais que alguns atletas portugueses especialistas de 100 e 200 metros!

Fez 11,9 nos 100 metros, debaixo de chuva, prepara-se para derrubar o recorde mundial de 200 m. que está em 23, 6 e ganha os 80 metros barreiras no optimo tempo de 11,2, novo recorde mundial.

(Continua na página 12)

O capitão Fernando Pais, no «Zuari», em plena prova de «cross-country», da competição «Curso Completo de Equitação», dos Jogos Olímpicos, na qual se classificou em 41.º lugar



Nesta curiosa fotografia dos Jogos Olímpicos, os concorrentes ao decatlo fazem a prova de 1.500 metros. Seguem à frente, um argentino e um americano



O célebre sueco, capitão Gut, vencedor do pentatlo, depois de ter ganho os 300 metros estilo livre. Eis um formidável atleta!



O capitão António Seródio, transpondo, no «Abstracto», um obstáculo da prova de «cross-country», «Curso Completo de Equitação». O nosso representante classificou-se em 30.º lugar



O campeão português de natação, Mário Simas, depois da eliminatória da prova de 100 metros costas, fala ao microfone da B. B. C.



Os portugueses transmitem as suas impressões em Londres. Da esquerda para a direita: Luís Alcide, Álvaro Dias, Moniz Pereira e João Vieira

Números e Curiosidades (77)

DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Olhanense

Fernando Cabrita, capitão do «leão» olhanense entrevistado no princípio do Campeonato, previu que o jogo *mais difícil para a sua equipa seria, como sempre, contra o Sporting Clube de Portugal.*

E não se enganou. O que talvez não supozesse é que o Olhanense havia de vir e estar tão perto da vitória, e no próprio campo do adversário, como nunca o conseguira antes!... Quase no fim da partida, acreditou-se que o célebre «carneiro» olhanense ia ser finalmente imolado. Puro engano! A três minutos do fim, os «leões» conseguiram o golo do empate — e seis minutos depois desse tento, o de vitória!... Nada de bizarro tem este permenor de aritmética. Para compensar o tempo «queimado» pelos algarvios, o árbitro do encontro prolongou por mais três minutos — o que valeu ao Sporting der continuidade à tradição, com grande arrele dos adeptos do clube do Sul... e dos cronometristas puritanos de ocasião!

O caso, recordado aqui, não tem outro interesse, se não o de focar um aspecto curioso de tradicional dificuldade que o Olhanense experimenta diante do Sporting C. P., e que se vai tornando típico neste Campeonato.

De resto, equipas como a do Olhanense, que foram já das primeiras de Portugal, costumam aglomerar-se quando defrontam os chamados «grandes». Os campeões algarvios, que neste época tiveram um comportamento inferior, fizeram magníficas partidas contra o Benfica, Sporting e Belenenses, igualando-os ou superando-os mesmo, em jogo. Hoje em vista o

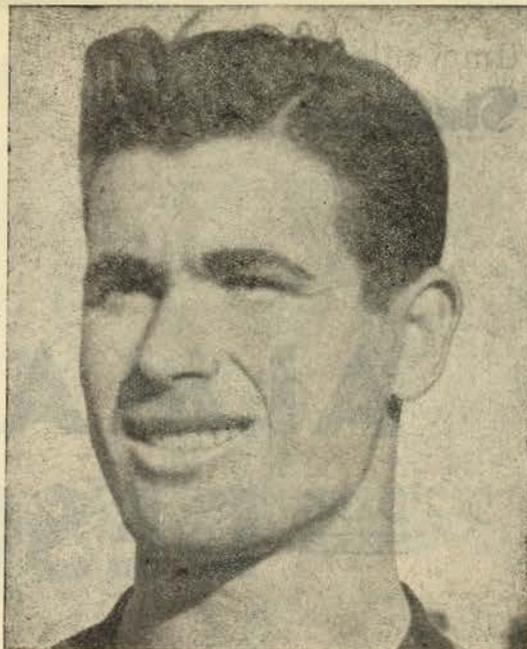
lisonjeiro empate que os «encarnados» foram buscar a Olhão, e o outro empate que os «azuis» devem à sua admirável «defesa»...

O Olhanense logrou, neste Campeonato, a sua peor classificação dos últimos tempos — e quiçá de toda a sua carreira... Ficou no undécimo lugar, com tantos pontos como o duodécimo — o seu comprouvino de Vila Real de Santo António. E como empatarem os dois jogos que disputaram [ol necessário recorrer ao «goal-average» total para desempatarem.

De facto, a classificação é modesta e quase inacreditável numa equipa que tão bela urdidura de jogo concebe, tão bons executantes possui — mas que tantos golos consente e tão poucos marca!

Dum modo geral, atribui-se aos da linha avançada, as causas do fraco rendimento da turma algarvia, acusando-os de não saberem concluir o que eles próprios constroem. Se assim é, os números levam-nos mais uma vez a conclusões erróneas. O «leão» de Grazina foi o 8.º em bolas mercedas... e 11.º em golos sofridos! E mais: enquanto as médias de golos a favor se mantêm, tanto em caso como fora, os olhanenses foram depois do Atlético (1) e da Académica, aqueles que mais golos consentiram no seu campo (sendo o 12.º classificado, portanto) ao passo que fora de casa, os «defesas» se reabilitam com o 9.º classificação, que, todavia, não chega ao bom resultado que, relativamente, obtiveram os «avançados».

Neste época, os campeões do Algarve não conseguiram uma vitória sequer, no campo do adversário. Empataram, contudo, três jo-



CABRITA

gos, e como lograram mais quatro empates em Olhão, bateram assim um recorde, pois o Belenenses não foi além de cinco. No seu campo, os olhanenses venceram cinco adversários, o que depois da Académica, que obteve, aliás, quatro vitórias, é o peor resultado... Quanto a derrotas, sofreram quatro em «casa» e dez fora.

Nos últimos quatro anos, o Olhanense obteve as seguintes classificações:

1947-48 — 11.º lugar, com 17 pontos e 5 vitórias, 7 empates e 14 derrotas, 48 golos mercedos contra 66.

1946-47 — 6.º lugar, com 26 pontos, 11 vitórias, 4 empates e 11 derrotas, 69-73 em bolas.

1945-46 — 4.º lugar, com 27 pontos em 22 jogos; 13 vitórias, 1 empate e 8 derrotas e 65-39 em bolas.

1944-45 — 7.º lugar, com 16 pontos, ex-aequo com o Estoril Praia. Obtiveram 6 vitórias, 4 empates e 8 derrotas, e 41 golos, pró e contra.

Em 1924, o Olhanense ganhou o Campeonato de Portugal, então disputado pelo sistema e eliminar.

A carreira do Campeão algarvio no Campeonato Nacional de 1947-48

Na turma algarvia, os interiores — Salvador e Joaquim Paulo — foram os melhores mercedores. Isto é natural, quando o ataque possui um centro, um jogador — o «internacional» Cabrita — que é mais «distribuidor» de jogo do que propriamente o «artilheiro-mor» do «conze», como é usual nos «leões» modernos.

Salvador, um dos mais hábeis interiores que pisam os nossos campos de futebol, marcou, à sua conta, 11 tentos. Joaquim Paulo, 8. O dinâmico Soares, que foi experimentado em quase todos os postos da linha avançada, e o habil-

doso extremo-esquerdo Carmo, marcaram 7 golos. Moreira, 5, Palmeiro e Cabrita, 3 (1), Arménio e Emlêncio, 2.

Nenhum dos 23 jogadores utilizados participou em todos os desfechos. Soares foi o que jogou mais (24). Seguem-se-lhe: o médio-esquerdo Janúrio e Salvador, 23; Emlêncio, 22; Grazina e Carmo, 21; Abraão e J. Paulo, 19; o defesa Loulé; 18; Szabo, 17; Cabrita, 15; Moreira, 14; Acácio, 13; João dos Santos, 11; Rodrigues, 10; Palmeiro e Cirilo, 8; Nunes e Arménio, 3; Ricardo, 2; João da Palma e Alexandre, 1. Abraão sofreu 46 golos e Szabo, 17.

Não obstante a categoria de muitos dos seus elementos os campeões do Algarve chegaram a sentir-se em apuros para jogar a zona perigosa, em que ficaram apanhados a Académica e o Sporting de Braga.

O Olhanense, só na 3.ª jornada do torneio conheceu o trazo de derrota, no jogo que foi perder ao Porto, contra os «elvi-azuis», por 7-1.

Dois semanas volvidas, o Atlético infligiu-lhe na Tapadinha e mais dura punição; «levaram» dez golos, mas também «deram» quatro!... Com os mesmos pontos de Boavista e do Atlético, os algarvios espirevam, contudo, ao 6.º lugar. Porém, nas quatro partidas seguintes, apenas conseguiram um ponto (o empate a duas bolas contra os alentejanos, em Olhão). Foi o seu pior período, pois chegaram a descer ao penúltimo lugar, com o mesmo número de pontos que o Sporting bracarense e o Vitória de Setúbal.

No 10.º e 11.º domingos, aproveitando dois jogos seguidos em Olhão, contra os dois representantes do Minho converteram-os em excelentes vitórias, marcando em

(Continua na pág. 18)



SALVADOR

Uma edição

Stadium

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

Profusamente ilustrado

A MAIOR E MAIS COMPLETA OBRA
PUBLICADA ATÉ HOJE NO GENERO

TODOS OS DESPORTOS NA EPOCA DE 1947-48

Sai em Setembro



Pedidos
à Administração
da

Stadium

Rua da Rosa, 252

Telefone 31187

Apartado 671—LISBOA



A verdadeira fotografia de um campeão...



A PÁGINA DO CAMPEÃO

A caminho de Loulé, na etapa contra-relógio, Fernando Moreira deixa a camisola do Porto, durante alguns dias, e veste a camisola amarela



Em Tavira, Fernando Moreira repousa e entretém-se com os seus companheiros de clube



À lado esquerdo — Uma desportista entusiástica não se contém, e quando Fernando Moreira acaba a prova, salta da bancada ao campo, e dá-lhe o abraço da vitória. À lado direito — O calor aperta e Fernando Moreira refresca-se

Fotos JORGE GARCIA



Os dirigentes, o maçagista e os corredores do Porto são bons amigos. Sabem brincar divertindo-se e entendem-se!



Em Tavira, Fernando Moreira passa o tempo. Tudo quanto um cam

A 13.ª Volta a Portugal em bicicleta

(Continuação da pág. 3)

Na 5.ª etapa — Inácio Orbalceta, Singalhos; João Oliveira, C. da Piedade; João Lourenço, Sporting.

Na 6.ª etapa — José Baptista Távira; Duarte Patrício, Sporting.

Na 7.ª etapa — Firmino Claudio, Selgães.

Na 8.ª etapa — Mike Abt, Bonavista.

Na 9.ª etapa — Francisco Grauss, F. C. P.

Na 10.ª etapa — Inácio Ramos Távira.

Na 11.ª etapa — Jacinto Melo, S. Felix; Manuel Pereira, Selgães; Emílio Pereira, Carlos Quedros e Felix Bermudez, Marconi; Luis Longo e Henrique Vera, Sporting.

Na 12.ª etapa — Alexandre Morte, Loulé.

Na 13.ª etapa — Bernardino Amaro, Loulé.

Na 14.ª etapa — Moreira de Sá, F. C. P.; Paulo Pothée, Sporting.

Na 16.ª etapa — António Meilha, Távira; António Vieira, C. da Piedade.

Vestiram a Camisola Amarela

Rodolfo Atilio, Académico, na 1.ª etapa.

Roger Chapin, Académico, na 3.ª etapa.

Jullão Berrendero, F. C. P. na 5.ª etapa.

Emílio Rodriguez, Sangalhos, na 10.ª etapa.

Fernando Moreira, F. C. P., na 15.ª etapa.

Vencedores das etapas

H. M. S.

1.º	Rodolfo Atilio, Académico	9	47
2.º	José Martins, Benfica	2	42 45
3.º	Délio Rodriguez, Sangalhos	2	50 21
4.º	Fernando Moreira, F. C. P.	4	05 07
5.º	João Rebelo, Benfica	5	38 56
6.º	Império dos Santos, Benf.	2	38 07
7.º	Francisco Grauss, F. C. P.	7	45 06
8.º	Jean Gueguen, Académico	5	15
9.º	José Martins, Benfica	2	27 33
10.º	Roger Chapin, Académico	5	47 46
11.º	Império Santos, Benfica	5	22 15
12.º	Délio Rodriguez, Sangalhos	1	30 39
13.º	Guilherme Jacinto, Benf.	6	21 44
14.º	Rolandino Palmeiro, Tav.	7	11 02
15.º	Jean Gueguen, Académico	1	11 45
16.º	Jean Gueguen, Académico	5	02 14
17.º	Maximiano Rola, Sporting	4	11 9
18.º	Antonio Maria, Benfica	5	48 39

Cromagem Fontes

Executam-se todos os trabalhos de fundição, etc.

XABREGAS

Médias Horárias nas etapas

1.ª	25 Voltas por equipas na pista do Estádio Alvalade 6 quilómetros 600 metros	40.573
2.ª	Lisboa-Caldas	30.246
3.ª	Calvos-Tomar	35.431
4.ª	Tomar-C. Branco	31.589
5.ª	C. Breco-Guarda	30.420
6.ª	Guarda-Viseu	35.596
7.ª	Viseu-Bragã	29.800
8.ª	Bragã-A. Veldevez	43.136
9.ª	Veldevez-P. Varzim	36.179
10.ª	P. de Varzim-Porto	35.561
11.ª	Porto F. da Foz	32.216
12.ª	F. da Foz Leiria	35.078
13.ª	Leiria-Évora	35.647
14.ª	Évora-Távira	35.425
15.ª	Távira-Loulé	40.158
16.ª	Loulé-Beja	32.952
17.ª	Beja-Setúbal	34.402
18.ª	Setúbal-Lisboa	34.074

A média geral foi de 32,621

Geral-Individual

H. M. S.

1.º	Fernando Moreira, F. C. P.	69	15	4
2.º	Emílio Rodriguez, Sangalhos	69	20	18
3.º	João Rebelo, Benfica	69	22	21
4.º	José Martins, Benfica	69	31	12
5.º	Jullão Berrendero, F. C. P.	69	38	54
6.º	Dias Santos, F. C. P.	69	39	1
7.º	Délio Mourão, Benfica	69	48	5
8.º	Rodolfo Atilio, Académico	69	50	10
9.º	Antonio Maria, Benfica	69	55	22
10.º	Rogerio Chapin, Académico	70	1	26
11.º	José Joaquim Sá, F. C. P.	70	5	49
12.º	Jean Gueguen, Académico	70	9	7
13.º	Délio Rodriguez, Sangalhos	70	12	46
14.º	José Joaquim Apolo, Louletano	70	21	32
15.º	Manuel Gonçalves, Benfica	70	24	35
16.º	Manuel Rocha, Sporting	70	32	17
17.º	Maximiano Rola, Sporting	70	32	48
18.º	José Joaquim Costa, F. C. P.	70	39	39
19.º	Guilherme Jacinto, Benfica	70	43	10
20.º	Manuel Apolo, Louletano	70	45	40
21.º	Aristides Martins, Sporting	70	49	42
22.º	Império dos Santos, Benf.	71	9	25
23.º	Manuel Cardoso, Académico	71	35	11
24.º	Rolandino Palmeiro, Távira	71	52	38
25.º	Manuel Frilho, Marconi	72	4	25
26.º	Alberto Coelho, Benfica	72	11	12
27.º	Francisco do Cerro, Loulet.	72	14	40
28.º	Manuel Palmeiro, Távira	72	21	25
29.º	José Cardoso, Távira	72	22	47
30.º	Celestino Duarte, S. Felix	72	26	51
31.º	Antonio Marques, Arrols	72	36	50
32.º	Pinto Ribeiro, C. Piedade	73	1	28
33.º	Dias Rocha, Académico	73	7	45
36.º	Manuel Moreira, Académico	75	46	45

Geral-Equipas

H. M. S.

1.º	Futebol Clube do Porto (F. Moreira, Dias Santos e Berrendero)	208	50	39
2.º	Benfica (Rebelo, Martins e Mourão)	208	59	36
3.º	Académico (Gueguen, Chapin e Atilio)	210	—	45
4.º	Sporting (Rola, Rocha e Aristides)	211	54	47
5.º	Louletano (Cerro, J. Apolo e M. Apolo)	215	21	52
6.º	Távira (M. Palmeiro, Rolandino e Cardoso)	216	56	50

Turistas visitai a Pensão MIRA-TEJO

de Albertina Costa

com todas as comodidades modernas

Boas casas de banhos

TERRASSE — ESPLANADA

com magnifica vista para o Tejo

Diárias a 25\$00

Trav. do Cabral, 5-2.º e 3.º (à Bica)

L I S B O A

Coisas da Bola...

Correm muitas e variadas notícias acerca de transferências. Se fossemos a acreditar em tudo que se diz — poucos jogadores, certamente, ficavam onde estão... Mas somos cépticos a tal respeito. Davidamos sempre. Até dos casos que todos dão como definitivamente arrumados. Temos, de resto, bastantes razões para isso. Em questões desta natureza, as épocas anteriores aconselhámos a acreditar só no que os nossos olhos virmos... A transferência só é certa quando o jogador transferido enfile a nova camisola.

Em todo o caso para satisfazer a curiosidade dos leitores — já cheia a futebol! — vamos pô-lo ao corrente de alguma coisa daquilo que se afirma, tendo o cuidado de apartar o que parece verdadeiro.

Sabe-se, por exemplo, que a Académica ficará muito reforçada, pelo menos, nos sectores da defesa, na próxima temporada.

Assim, a juntar ao nome de Curado, o excelente defesa que estava em Guimarães, temos os de Manuel Capela, o guarda-redes «internacional» contra a Espanha no dia da vitória, e de Castela, o médio que alinheou na categoria de honra do Belenenses no fim da época e que surge como um valor positivo. A Académica valoriza-se com estes reforços.

Sobre o Sporting muito se diz, devendo acentuar-se que, se o clube leonino conseguisse todos os elementos que são dados como garantidos, ficaria com um número elevado de jogadores e apto provavelmente a resolver todos os seus problemas — que são em maior número do que muita gente pensa.

Pondo de lado jogadores da Madeira em que se fala e outros estrangeiros, o Sporting parece que receberá Andrade e Moura, do Belenenses, em troca de Sidónio, e ainda Rebelo (do Elvas), se este não preferir o Benfica.

O Benfica não tem estado inactivo. Pelo contrário, parece ter adquirido já algumas «trutas» de valia.

Rosário alinhará, certamente, pelo Benfica, dando em troca também um ponta-esquerdo, Manelito. Receberá Paulo, do Leixões, um elemento que nos dizem de verdadeira categoria, e José Pedro, conhecido interior do Belenenses, procurando resolver, neste momento, mais uma vez, o caso de Leitão, do Oriental. Estas aquisições não são, possivelmente, tudo que o clube desejaria mas já representam um esforço considerável. Fala-se na ida de Leitão para o Porto.

O Elvas não conseguiu nenhum jogador de vulto, adoptando a tática de reforçar as suas fileiras com jogadores ainda a fazer, e, portanto, um tanto ou quanto desconhecidos. Sabe-se que Sainna, do União de Coimbra, envolverá a camisola do importante clube alentejano, e outros seguir-lhe-ão o exemplo.

O Sporting Clube da Covilhã tenta valorizar-se — para firmar a sua posição, Martinho, do Belenenses; Noronha, do União de Coimbra; e Tomé, do Académico, farão parte das fileiras da Covilhã, fortalecendo um ou outro ponto fraco que se vinha notando na equipa. Aliás, a competição da Primeira Divisão é dura, longa, e exige muitos valores.

Sobre treinadores, sabe-se que Alfredo Valadas, o qual devia assumir o cargo de treinador da Académica, pediu escusa dessa acatização — pois tinha aceite em princípio as referidas funções — devendo continuar no Vitória de Guimarães, com razoáveis condições económicas.

Augusto Silva, que esteve inactivo na passada época, não possuindo grandes desejos de voltar por enquanto a trabalhar na bola, recebeu um convite para treinar o Marítimo, da Madeira, estando a estudar devidamente o caso. Fala-se em Armando Ferreira no Sporting.

Corre ainda que vigorará na próxima temporada, pelo menos, com cinco desafios internacionais (contra a Espanha, França, Irlanda e dois encontros Portugal-Itália) o regime de Comité de Selecção. Os actuais membros, sr. dr. Virgílio Paula e Martinho de Oliveira, já terminaram o seu mandato recebendo os respectivos agradecimentos da Federação Portuguesa.

Fala-se nos seguintes nomes para o Comité de Selecção: dr. José Maria Antunes, que actualmente faz clínica em Lisboa, dr. Alberto Gomes, que vive em Viana do Castelo onde está à frente de um importante Colégio, Alvaro Cardoso, que abandonou o futebol ultimamente, e Salvador do Carmo, que em tempos passados já exerceu semelhantes funções.

A Comissão Central de Árbitros deverá, enfim, ser remodelada. Preside actualmente ao Organismo o sr. dr. Virgílio Paula, tendo como vogais os sr. Jorge Vieira e Manuel Monteiro. A dar-se a remodelação que se prevê, indigita-se para presidir à referida Comissão, de âmbito e funções tão vastas e importantes, o nome do sr. Ilídio Nogueira, antigo árbitro, e figura a todos os títulos prestigiosa.

Jornalista Desconhecido

Um desporto triunfante

O campeonato nacional de voleibol disputado na semana passada na Figueira da Foz, alcançou merecido êxito e veio acrescentar uma prova, a tantas já existentes, da progressiva marcha triunfal deste excelente jogo desportivo.

Praticado por muitos milhares de rapazes, beneficiando da enorme propaganda que lhe é assegurada pela obrigatoriedade de prática em todos os centros da Mocidade Portuguesa, o voleibol conquistou um lugar de primazia entre os desportos cultivados do País e, depois da sua auspiciosa estreia internacional, prepara-se para mais largo cometimento participando no Campeonato da Europa, marcado para fins de Setembro, em Roma.

A Federação escolheu para seleccionador nacional o sr. enq. Cavaco, que tão notáveis provas de competência tem dado na orientação da equipa do Técnico, e os trabalhos de escolha e preparação dos nossos futuros representantes começaram já.

Das primeiras provas, as que foram prestadas há dias por cerca de trinta jogadores, foram retirados catorze elementos, de

entre os quais saíram os doze que se deslocam a Itália.

Quem forme sobre o valor do voleibol europeu uma ideia concreta, sabe que a delegação portuguesa val deffrontar adversários muito difíceis, mas também não desconhece que possui classe para lutar com brio e possibilidades para se classificar honrosamente.

Lastimemos apenas que as circunstâncias não permitam utilizar para esta representação nacional todos os melhores valores de que dispomos, pois muitos deles se encontram entre os que jogam nos Açores, cujos clubes se não encontram filiados na Federação Nacional e com os quais os organismos metropolitanos não mantêm o mínimo contacto.

Seria muito interessante e proveitoso trazer ao continente uma selecção açoreana para deffrontar as mais fortes formações lisboetas.

Só assim se conseguiria averiguar a categoria real do voleibol naquele arquipélago, até hoje julgado apenas pela reputação e pelo merecimento de alguns jogadores que de lá vieram para Lisboa e se afirmaram dos melhores.

A má actuação dos nossos cavaleiros em Londres

Terminaram no sábado a sua actuação em Londres os cavaleiros portugueses indicados para disputar as provas hípias da Olimpíada.

Os resultados alcançados, todos muito abaixo dos nossos possibilidades e inferiores ao que, tendo em conta o valor da nossa cavalaria e o nosso passado olimpico na modalidade, logicamente se poderia esperar, foram como que um balde de água fria lançada sobre aqueles que desejavam que os cavaleiros desvanecessem a má impressão que os nossos atletas, esgrimistas e atiradores devem ter deixado em Londres.

Infelizmente tal não se deu e a classificação de Portugal deixou muito a desejar. Deve ter havido vários factores a atenuar a má posição conseguida mas, se a atenuam, não a justificam no entanto.

As desculpas que possam subsistir não chegam para destruir a nossa má actuação num torneio em que sempre havíamos brilhado.

Parece que ao constituairem-se as equipas houve mais a preocupação de escolher cavaleiros, não se cuidando talvez da devida escolha de cavalos. Para a prova de obstáculos principalmente deslocaram-se a Londres cavalos que não nos parece estarem em forma olimpica. Entretanto outros licitaram...

No prova de Campeonato foram montados cavalos «de cores», nama prova com as características desta, em que há que conhecer profundamente as qualidades e os defeitos dos montados, o que nos parece ter sido uma aventura osada.

Vejam as classificações obtidas:

Prova de Ensino

Para a prova de alta escola inscreveram-se cinco equipas de tres cavaleiros representando Portugal, E. Unidos, França, Suécia e Argentina concorrendo ainda mais 4 cavaleiros que representavam individualmente a

Espanha, Suíça, México e Austrália. Ao todo 19 cavalos.

Portugal classificou-se em 4.º lugar entre as cinco equipas cobendo-lhe na classificação individual os 10.º, 11.º e 13.º lugares obtidos por Fernando Pais, Veladas Júnior, e Mena e Silva.

A prova foi ganha pela Suécia por equipas e pela Suíça, individualmente.

Prova de Campeonato

Inscritas 15 nações — Portugal, Espanha, Argentina, Suécia, França, Inglaterra, Holanda, Turquia, Itália, Brasil, Suíça, México, E. Unidos, Dinamarca, Finlândia — com equipas de 3 cavaleiros.

Portugal não se classificou por equipas porque António Seródio foi eliminado na última prova.

Individualmente, Fernando Cavaleiro foi o 8.º e Fernando Pais o 23.º.

Vitória dos E. Unidos e da França (Ind.).

Taça das Nações

Nesta prova em que sempre nos evidenciamos, a nossa equipa não se classificou por eliminação de Helder Martins.

Henrique Celado foi individualmente o 17.º e Correia Barrento o 18.º.

Inscreveram-se 43 cavaleiros que representavam Portugal, Espanha, Irlanda, Suécia, França, Inglaterra, Holanda, Itália, América, Argentina, Finlândia, Brasil, Dinamarca, Turquia e México.

A vitória colectiva e individual pertenceu ao México.

E agora que podemos reconhecer a nossa má prova, procuremos não descurar a nossa preparação para os jogos de 1952. Só neles se poderá alcançar o lugar honroso a que tinhamos direito e que desta vez perdemos ingloriamente.

Antas Teixeira

COMPANHIA COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil e de carga para a América do Norte

AUTO-GARAGEM FIGUEIRENSE

FIGUEIRA DA FOZ

STAND DE EXPOSIÇÕES

GARAGEM

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

OFICINAS ANEXAS

Rua Dr. Luiz Carrico (Bairro Novo)

FIGUEIRA DA FOZ

ARTIGOS DE SPORT E JOGOS

SPRIL

Rua do Loreto 34-2.º — LISBOA
Telefone 2 2797



Foi dada a partida em Setúbal. Os corredores colocam-se imediatamente em fila indiana — para a última tirada, a etapa emocionante a caminho de Lisboa



Manuel Palmeiro e António Maria aumentam o avanço, na última etapa, que os separa do pelotão dos ases. A sua corrida tem aspectos verdadeiramente empolgantes!



Os corredores chegam a Almeirim, posto de abastecimento, após a fuaa, que ficará memorável de António Maria-Palmeiro



A partida de Setúbal, os representantes do F. C. do Porto juntam-se amigavelmente. Trata-se de excelentes camaradas



A equipa do Porto, 1.ª classificada, sorri triunfantemente, vindo-se da esquerda para a direita, Dias Santos, Fernando Moreira e Berrendero



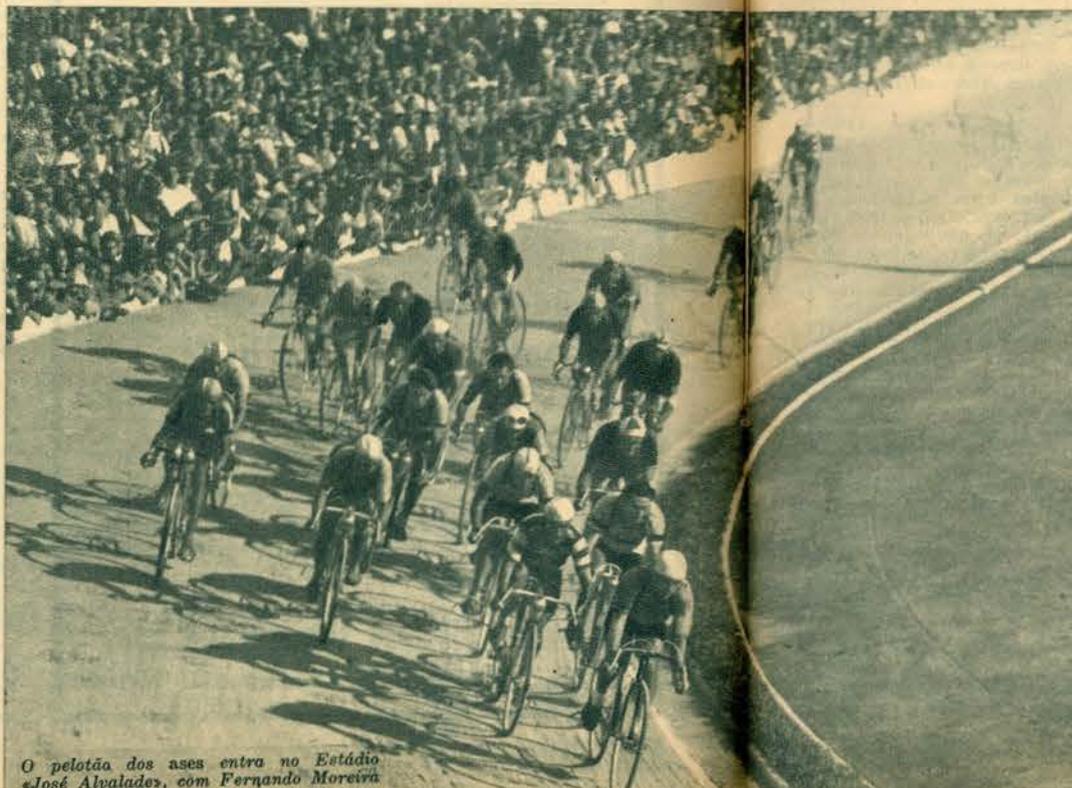
António Maria, do Benfica, entra isolado no Estádio José Alvalades, após a sua brilhante prova da última etapa



António Maria e Manuel Palmeiro, os dois fugitivos, festejam o acontecimento!

ACABOU A 13.ª VOLTA A PORTUGAL

que interessou vivamente o País resultando uma prova de alto interesse e grande emoção



O pelotão dos ases entra no Estádio José Alvalades, com Fernando Moreira à frente. Os aplausos ao campeão e aos outros concorrentes são calorosos, entusiásticos, emocionantes!

TERMINOU a 13.ª Volta a Portugal.

Fernando Moreira, o simpático e valoroso ciclista do Porto, inscreveu pela primeira vez o seu nome na lista dos campeões, ao lado de António Augusto de Carvalho (1927), José Maria Nicolau (1931 e 1934), Alfredo Trindade (1932 e 1933), Cesar Luiz (1935), José Albuquerque (1938 e 1940), Joaquim Fernandes (1939), Francisco Inácio (1941), e José Martins (1946 e 1947). O homem que, já por várias vezes, esteve à beirinha do título, não o deixou fugir nesta tentativa. Correndo com inteligência, e com cabeça, bem orientado, indiferente a prémios e vitórias em etapas, Fernando Moreira viu consagrados os seus esforços, classificando-se como o ciclista português n.º 1.

O nome de Fernando Moreira que, de agora em diante, ilumina a lista dos campeões, está ao nível da proeza. E não fazemos confrontos. Relembraremos apenas que hoje andamos mais depressa...

A corrida deste ano teve o atractivo dos corredores estrangeiros, devendo-se em grande parte à sua presença o brilho da prova. Emilio Rodriguez, ciclista espanhol de grande classe, ficou em 2.º lugar. João Rebelo e José Martins, do Benfica, dois excelentes corredores, classificaram-se em 3.º e 4.º lugares. Seguem-se Julião Berrendero, Dias Santos, Júlio Mourão, etc. O que dominou e caracterizou esta prova, magnífica e popular, foi, precisamente, o nivelamento de valores.

Por equipas triunfou também o Futebol Clube do Porto, seguindo-se Benfica, Académico, Sporting, Louletano e Tavira.

A maior competição do ciclismo português interessou vivamente e fez delirar todos os desportistas de norte a sul. Teve trechos ásperos e duros, de grande dificuldade, e outros em que os concorrentes, naturalmente, pouparam energias. E todas eram poucas!

Todos os elogios que se façam ao vencedor, e aos que o seguiram na classificação geral, são poucos. Basta dizer que partiram de Lisboa 74 ciclistas e chegaram apenas 34!



Os representantes do Benfica, antes da partida de Setúbal, deixam-se fotografar juntos — um documento que mostra a sua excelente camaradagem!



Fotos JORGE GARCIA

Fernando Moreira agradece as felicitações de João Rebelo. Acabada

CRÓNICA OLÍMPICA

(De João Jacinto, nosso enviado especial)

(Continuação da página 4)

O anterior estava em 11.3 e era pertença dela e da italiana, primeira recordista, Testoni, que fez esse tempo em 1939 em Dresden. Ela igualou-o em 1942 em Amsterdã. O recorde olímpico pertencia à italiana T. Volla, vencedora dos jogos de Berlim em 1936.

Os americanos são formidáveis em barreiras — Os atletas da Jamaica em evidência

Que grande superioridade demonstraram os americanos nas barreiras, onde ocuparam os três primeiros lugares tendo o terceiro feito menos cinco décimos que o quarto, o argentino Trulzi. Lidson apesar de diti-mo na final, em meu tempo, talvez 14.8, voltou a demonstrar que é o melhor europeu.

Durante as eliminatórias houve factos a salientar. Por exemplo:

Na 5.^a correa o Inglês Finley, que apenas teria adversário no francês Harie. Porém, Finley, que vinha fazendo uma admirável prova, tropeçou na última barreira que ataca em primeiro e foi cair a um metro da meta. Foi visível o seu estado de consternação, mas todo o público, e principalmente no sector dos concorrentes, imediatamente o aclamaram como se fora vencedor.

Sentimos imensa pena pelo que lhe aconteceu, e nunca no Estádio de Wembley batemos palmas com tanto entusiasmo e desgosto ao mesmo tempo, pois temos uma enorme admiração pelo «velho» Finley que já passou os quarenta anos.

Na 1.^a eliminatória o belga Brae Tazan que esteve em Lisboa o ano passado, também não fez melhor que aí.

Na 3.^a eliminatória correu o nosso conhecido Molezam, vencedor do Lisbon-Madrid. Foi terceiro com 15.9. Mau resultado, mas os outros dois ainda eram mais fracos. Lidson não conseguiu vencer o Indiana Vickers, na 4.^a eliminatória, e na 6.^a, correu o nosso conhecido francês, Omnés, o capitão da equipa do Pac, que fez o mesmo tempo que em Lisboa, apesar de si ter corrido à vontade e sem adversário que o apertasse.

Houve ainda as eliminatórias de 400 metros. Wint ou Mackenley ambos da Jamaica. O primeiro é mais igual, de princípio a fim, com uma passada muito longa, parece o Matos Fernandes quando este corre para exibição, naquela passada tão boni-

ta e longa. Mackenley é rapidíssimo, mas fraqueja muito depois dos 300 metros, e nesta pista tão pesada e pouco elástica, não deve ter vantagem.

Os europeus são presentemente muito fracos e a não ser Larrison e Lunis ou o irlandês Kenlon, não devem ter lugar na final.

O belga Kunen, vencido duas vezes o ano passado por Sampaio Peixoto, ganhou a 12.^a eliminatória com 50 s., e queremos ainda dizer que se o portuense aqui viesse, deixaria alguns adversários para trás, visto que chegou a tirar tempos de 54 s. a quartos em eliminatórias de cinco. A chave, que caía, embora prejudicasse um pouco, não era tanta que lizesse descer de tal modo os corredores de 400 metros.

Houve um 5.^o com 53 s., outro com 51.4, outro de 51.2 e outro com 50.9. Portanto, cremos que Peixoto não faria má figura, ou até Matos Fernandes ou Artur Dias, embora com muito menos possibilidades.

O tempo continua a prejudicar as provas — Mc Kenley batido por Wint

WEST DRAYTON 6 — Tem sido um grande aborrecimento, para todos, a chuva que tem caído há dois dias, prejudicando imenso os atletas, principalmente aqueles que não estão habituados a clima tão mau, exigindo-lhes um esforço muito maior, de que se ressentem principalmente nas finais.

O estado da pista, como é de calcular, muito encharcada, tem sido um «handicap» para os mais poderosos, e talvez esteja aqui, a principal razão de Mackenley, Strand, e Pujazon terem sido derrotados.

Pujazon, como Hansenne, como quasi todos os franceses, deixaram-nos a impressão de cansados. Falto-lhes ainda não só coragem como também brio, para terminar a prova de «steeples» em posição secundária.

Hoje, as provas só terminaram cerca das dez horas da noite, pois que a reunião apesar de comportar apenas três provas do decatlo, estaria terminada às 18 horas se a organização não fosse tão lenta, como nunca viramos, visto que as outras provas terminaram a essa hora; para se disputar o dardo e os 1.500 metros levaram três horas.

Acrescentaremos que o decatlo tem 33 concorrentes mas estes são divididos em dois grupos, com juris diferentes e independentes, e disputando os saltos e lançamentos em locais distintos.

Nos resultados das cinco primeiras provas do decatlo disputadas ontem, se Matos Fernandes estivesse presente e não se ressentisse do estado do tempo, o que seria quasi impossível, teria obtido o 11.^o lugar com os seus 3550 pontos.

O argentino Kistumacher ia em primeiro, mas já foi ultrapassado

pelos americanos Simmons e Hathias e pelo francês Heinrich que deve bater o recorde do seu país.

A grande «fera» Hondschein tem-nos desiludido, e até em saltos em altura não conseguiu mais de 1.83. Para um homem que faz normalmente mais de 2 metros, é muito pouco, pouquíssimo mesmo.

Embora não se vejamos aquelas «feras» que se viram em Berlim há doze anos, a prova tem sido disputada com bastante entusiasmo por todos visto que há muita igualdade de valores.

Com a pista encharcada, e chuva durante a prova, podemos dizer que o tempo de 3.49,8 do vencedor na prova de 1.500 metros é muitíssimo bom. Agradou-nos imenso este novo campeão, que nas eliminatórias já tinha feito excelente figura. Strand dificilmente resistiu a Slijkhuis.

Resultados: Eriksson 3, m. 49.8 — Strand 3, m. 50, 4 — Slijkhuis (H.) 3, m. 50, 4 s. — Ceyona (Checo.) 3, m. 51, 2 s. — Bargviste (Suéc.) 3, m. 52, 2 s. — Naukeville (G. B.) 3, m. 52, 6 s.

Antes desta prova, a numerosa e simpática «claque» sueca fez-se ouvir diversas vezes e em locais distintos, dando um magnífico apoio aos seus compatriotas.

Hansenne voltou a desiludir, e embora comandasse a prova até aos 850 metros em bom andamento, no fim era penúltimo, batendo apenas o holandês Johanson.

Hansenne passou aos 300 metros 42, 400 em 57, 600 em 1, m. 32 s. 800 em 2 m. 3 s. e Eriksson em 2, m. 36 s. ao quilómetro; e fez os últimos 500 metros em 1, m. 13, 8 s.

A gentil Blankers-Koen ganha o seu 3.^o título olímpico mas não consegue derrubar o recorde dos 200 metros.

Resultados: Blankers-Koen (H.) — 24, 4 s.; Williamson (G. B.) 25; 1 s.; Patterson (U. S. A.) — 25, 2 s.; Strikland (Austrália); Walker (G. B.); Robb (Af. S.).

Os tempos ressentiram-se pelo mau estado da pista devido à chuva.

A holandesa, a correr, parece um homem, tal é a sua velocidade e a sua optima passada.

O dia das tragédias no Estádio de Wembley

WEST DRAYTON, 8 — Terminaram ontem as provas de atletismo do torneio olímpico, com a dramática chegada da Maratona.

Foi pena que nestes últimos dias tivesse chovido tanto, porque o espectáculo das provas atléticas teria sido bastante mais grandioso.

E também foi pena que a organização tivesse sido tão má, pois os reuniões decorreram sempre em ritmo bastante lento,

e a pontualidade britânica deixou desde o primeiro dia em que as provas começaram com cerca de três quartos de hora de atraso.

Ontem foi o dia das tragédias no Estádio de Wembley. Principiou com uma desclassificação na prova de 400 metros-estafetas, senhoras (4x100 metros), continuou na prova de homens da mesma modalidade, com a desclassificação misteriosa na 1.^a transmissão entre Ewell e Wright, da equipa americana, aliás protestada por eles, e quanto a nós, casta-nos a acreditar, tanto mais que seguimos as transmissões, com a máxima atenção; depois segue-se a grande tragédia da tarde, que roubou enorme beleza ao espectáculo, quando na prova de 1.600 metros-estafeta (4x400) no 3.^o percurso, o vencedor dos 400 metros perseguiu o americano Cochran com uns 12 metros de atraso e tendo apenas percorrido uns 130, é acometido dama distensão muscular caindo na pista, ante o choro dos seus companheiros de equipa.

E finalmente a trágica entrada do belga Geilly no Estádio, à frente de todos mas completamente esgotado, parecendo a cada instante que caía. Porém nam esforço sobrehumano, conseguiu enfim cortar a meta em 3.^o lugar, caindo logo a seguir. Transportado numa maca para as cabines não pôde comparecer quando, 45 minutos depois, fizeram a entrega das medalhas ao som do hino argentino.

Fez-nos imensa pena ver um atleta terminar uma prova em tal estado, absolutamente exausto. Julgamos que esta prova há muito deveria ser banida do número das provas atléticas.

A formidável holandesa Blankers-Koen ganhou no ditimo dia da prova o seu quarto título olímpico com a estafeta de 400 metros (4x100 metros) e foi de facto ela que a ganhou, pois que, ao receber o testemunho, tinha dois metros de atraso, e, mesmo assim conseguiu cortar a meta vencedora, embora apenas por um pelo de vantagem sobre a homogenea equipa australiana.

O Canadá também correu excelentemente, e perdeu somente dois metros. Estava à frente da Holanda no final do terceiro percurso, mas atrás da Austrália, e diremos que só uma formidável campeã como Blankers-Koen seria capaz de recuperar terreno a estas velozes raparigas.

O torneio de atletismo, termina com uma formidável luta entre uma americana e uma inglesa, na prova de saltos em altura, tendo ambos passado 1 m. 68 s., e a inglesa por pouco ganhou 1 m. 70 s. A recordista mundial Blankers-Koen (1 m. 71 s.) não tomou parte nesta

prova visto que a esteleto de 400 metros foi simultânea com esta prova que durou mais de duas horas.

Ambas bateram o recorde olímpico de 1 m. 63 s. da americana Shilly, vencedora em 1932 em Los Angeles.

A dupla campeã olímpica Ostermyer quedou-se em terceiro lugar com 1 m. 61 s.

Parece-nos curioso anotar que apenas dois atletas e estes americanos, conseguiram ganhar dois títulos olímpicos, mas sendo um em individual e o outro na esteleto; Cochran, vencedor dos 400 metros-barreiras, e Whitefield, vencedor dos 800 metros. Também Dillard e Patton repetiram a proeza de queles se não fosse a desclassificação misteriosa.

Em número de provas ganhas, o grande ligara foi a holandesa com quatro títulos, seguida da francesa O'teraeyer e dos americanos acima referidos, mas em valor por prova realizada, daremos a preferência a Zisopke, o checoslovaco vencedor dos 10.000 metros e segundo nos 5.000 metros com diferença mínima do vencedor, e em ambas as provas se bateram os recordes olímpicos.

O vencedor do decatlo foi o americano Mathias com 7.139 pontos, o único que conseguiu fazer os 7.000 pontos, mas teve excelente réplica no gigante francês Heinrich, novo recordista do seu país com 6.974, e do outro americano Simmons que fez 6.950 pontos. Luta equilibrada entre os quatro primeiros pois que o argentino K'steomker também deu excelente réplica durante as primeiras cinco provas.

Matos Fernandes, se concorre e fez o que fez em Lisboa recentemente, teria sido 16.º, visto que o 16.º não atingiu os 6.200 pontos, e o 15.º conseguiu 6.355 pontos.

Também diremos que o benfiquista Manuel Gonçalves teria feito boa ligara na maratona. Acreditamos que, após doze anos o excelente 17.º lugar alcançado em Berlim por Manuel Dias aparece-nos ainda com maior realce.

Os desafios de basquete — Os brasileiros impõem a sua classe

WEST DRAYTON, 10 — Assistimos ontem aos quartos de final do torneio de basquetebol, em «Harlingey Arena», um grande pavilhão que comporta cerca de dez mil pessoas e que serve não só para basquete, como também para boxe, hóquei, volei e ténis.

O primeiro encontro não nos impressionou muito, senão na parte técnica individual. De resto, vimos um jogo bastante lento, procurando cada equipa apossar-se da bola e reter-la o maior tempo possível até que alguns dos seus componentes se desmarque, e para que isto aconteça, o jogador possuidor da bola retém-na imenso tempo, fazendo uma paragem enorme que faz perder a emo-

ção e a alegria que estamos habituados a ver nas equipas portuguesas.

Depois de vermos o primeiro tempo do jogo entre o Chile e a França ficámos com a nítida impressão que uma equipa portuguesa, ficaria bem cotada, entre tantas que aqui compareceram, algumas bastante fracas, mas que compareceram, e embora derrotadas largamente, ninguém menosprezou o país que representavam.

O Brasil ganhou à Checoslováquia por 28-23 mas teve muita dificuldade, adiantando-se apenas nos últimos dois ou três minutos. Gostámos mais da equipa brasileira, embora os seus adversários se mostrassem de igual quilate.

No segundo jogo, tivemos a impressão, desde os primeiros minutos, que os franceses sofreriam derrota um pouco ampla, e ao fim do 1.º tempo os chilenos tinham vantagem de sete pontos, com o «score» de 25-18, e mostravam grande superioridade técnica, com um excelente avançado-centro e tendo todos a preocupação de lançarem de perto, com maior certeza portanto, que os lançamentos de longe utilizados pelos franceses, que não resultavam entregando a bola aos defesas adversários. Mas foi com surpresa que no segundo tempo os franceses arrancaram o empate, e depois a vitória pela tangente.

Apreciámos bastante a técnica dos chilenos, com excelente domínio de bola, com fintas desconcertantes e rápidas, grande precisão nas passagens, não faltando nunca a melhor passagem para o companheiro colocado em posição vantajosa para lançar ou chamar os adversários, caminhando para o cesto, e, perto deste, quando parecia que ia lançar, passar então ao companheiro descoberto. Apenas, como no jogo anterior, achamos o defeito de terem pouca pressa de atirar ao cesto, com demasiada preocupação de não perderem a bola.

Também gostámos de ver transformar todos os lances livres, o que não aconteceu aos franceses, e foram marcados nada menos de oito lances contra os franceses e sete contra os chilenos.

Todas as equipas jogam bastante mais duro que entre nós, e houve jogadas em que dois adversários se atiravam para o solo, procurando agarrar a bola como nos encontros de raguebi.

Os árbitros, melhores os do primeiro encontro, também não agradaram, deixando jogar com violência até, e não fazendo faltas nítidas cometidas pelos defesas na sua apertada vigilância que tanto brilho tira ao jogo. Em todo o caso, impuseram um critério uniforme, e todos demonstraram imparcialidade. Os nossos árbitros mais destacados são bastante melhores no capítulo de distinguir faltas.

Não faltaram amanhã aos jogos das meias-finais, principalmente ao França-Brasil, pois os portugueses são inseparáveis companheiros dos simpáticos e alegres brasileiros, que, se acaso ganharem, com certeza cantarão e dançarão como ontem, depois da vitória contra a Checoslováquia.

Resultados:
Brasil 28 - Checoslováquia 23;
França 43 - Chile 42 (depois de prolongamento).

Assinem a Revista
Stadium

A equipa da Suécia no torneio de futebol

WEST DRAYTON, 11 — Fomos ontem ver um jogo de futebol. Aproveitamos estar uma tarde agradável e voltámos a Wembley, porque tínhamos curiosidade de saber o que valiam os amadores suecos — são tanto amadores como os nossos futebolistas e, aliás, como os dinamarqueses que têm agrado aqui!

Assistimos a um bom primeiro tempo, durante o qual a Dinamarca lutou de igual para igual até à meia hora, mas depois, a esplêndida linha atacante da Suécia resolveu a contenda com três bolas de vantagem, a última das quais já quando soava o apito do árbitro para o intervalo...

No segundo tempo, a Suécia jogou à vontade, sem forçar, e não marcou sequer uma bola, apesar de algumas descidas perigosíssimas de Nordahl e Darvis, este, de facto um grande jogador, e aquele dando a impressão de saber mais do que fez, embora tivesse excelentes passes aos seus companheiros do trio central e óptimas aberturas aos extremos.

Por seu lado, a Dinamarca acusando um pouco de cansaço, visto no primeiro tempo ter de jogar com bastante energia para conter a dianteira sueca, só a partir dos 25 minutos começou a acreditar que podia minorar a derrota, e como obteve a segunda bola à meia hora precisa, então cresceu, jogando mesmo no meio campo sueco durante vários minutos, animando o jogo extraordinariamente, mas a defesa sueca, agora mais certa que no 1.º tempo, não consentiu mais nenhuma bola. Nos últimos cinco minutos os dinamarqueses abrandaram, mostrando cansaço e nada mais houve de notável até ao apito final.

As duas nações alinharam os seguintes elementos:

Suécia — Lindberg; Leander, B. Nordhal e Nilsson; B. Rosengren e Andersson; Rossen, Gren, Nordahl, Garvis e Liedholm. (equipamento igual ao do Estoril).

Dinamarca — Nielsen; Jensen, Pilmær e Overgaard; Oruvold e Ivan Jansen; Ploger, Karl Hansen, Praest, Jeus Hansen e Seebach. (Equipamento como o do Benfica).

Aos 5 minutos de jogo a Dinamarca obtem a primeira bola do desafio, em conclusão uma excelente avançada que bateu a defesa sueca, incerta a entrar ao lance.

A Suécia lança-se ao ataque, mas só aos 22 minutos consegue empatar com um excelente remate de cabeça do seu interior-esquerdo que bate Nielsen fora da rede, e cuja bola vai parar às mãos de Nordahl que se encontra estacado no fundo da baliza, consequência da jogada anterior em que Nielsen repeliu a bola para a cabeça de Garvis.

Nove minutos decorridos e Rosen que até aí esteve um pouco trapalhão, driblando a defesa que o guardava a distância, preocupando-se mais com o centro do terreno, desempata a favor da Suécia, e seis minutos após, em jogada preciosa de «dribbling» passa a Nordahl, mas um defesa dinamarquês intercepta e a bola vai ter novamente a Rosen que atira forte, a contar.

A Dinamarca domina por vezes, mas o ataque sueco, sempre que

avança estabelece perigo, perdendo algumas oportunidades, principalmente uma do interior esquerdo aos 43 minutos. Na resposta, o avançado-centro dinamarquês perde também, por querer avançar mais, uma bela ocasião e quando estava quasi a terminar o primeiro tempo, a meio minuto, Garvis dando a impressão de deslocado marca a quarta bola da Suécia, que seria, afinal, a última.

Na segundo tempo os suecos desencansaram sobre o resultado, e embora incitados pela numerosa falange de apoio, com os incitamentos tão característicos dos simpáticos suecos, apenas jogaram para manter o resultado.

A Dinamarca conseguiu a segunda bola aos 30 minutos com um potente remate do interior esquerdo que bate o guarda-linha sueco, apesar da boa estifada que executou.

Embora gostássemos da equipa sueca, temos a impressão que jogam com menos velocidade que nós, e que uma equipa portuguesa causaria aqui ótima impressão e cotava-se como favorita.

Dos jogadores suecos, agradáramos o interior esquerdo e Nordahl, embora todos os avançados sejam bons.

A defesa é incerta a bater a bola e embora utilize o sistema em WM, a marcação é pouca cerrada, e portanto imperfeita.

No grupo dinamarquês, mais homogêneo, salientou-se o extremo direito e o guarda-redes.

Tinhamos razão em não acreditar na ultrapassagem do limite na 1.ª transmissão dos 400 metros estaletas, quando Ewell transmitiu o testemunho a Wright. Allan, o jári depois de apreciar o protesto dos americanos e ver a passagem do filme três vezes, concordou que de facto não houvera irregularidade, e assim resolveu atribuir o título à equipa dos Estados Unidos que amanhã em Wembley receberá a medalha correspondente.

Assim serão campeões olímpicos Ewell, Wright, Dillard e Patton, os quais somarão mais um título a juntar aos de 100 e 200 metros respectivamente, que já possuem, e aos ingleses ficar-lhes-á o reconhecimento de que é preferível um excelente segunda classificação a um título olímpico ganho com batota. O jári, reparou assim tão desportivamente, a pouca lealdade dos lusos que viram a transmissão fóra do limite.

A classificação depois de recitanda é: 1.ª U. S. A. — 403 (Ewell, Wright, Dillard e Patton); 2.ª G. B. — 413 (Corquodale, Gregory, Jones e Archer); 3.ª Itália — 416 (Tito, Peraccini, Monti e Sida); 4.ª Hungria — 416 (Tima Berth, Csanyi e Goldony); 5.ª Canadá — 419 (Pette, O'Brien, McFarlane e Haggis); 6.ª Holanda — 419 (Scholte, Heyer, Zwaan e Lanensers).

João Jacinto



Os ciclistas deixam a Figueira da Foz para uma etapa curta, espécie de passeio.



Fotos JORGE GARCIA

Evora fica para trás dos ciclistas, que seguem em marcha moderada.



Os corredores chegam a Leiria. Corta a meta em 1.º lugar, Délio Kodriguez.



Emílio Kodriguez, ainda com a camisola amarela, corta a meta em Loulé.



Rolandino Palmeiro chega a Tavira, sua terra, isolado, após uma acção brilhantíssima.



Um trecho interessante dos corredores, numa tarde escaldante, a caminho do Lavre.



Na região algarvia, os corredores descem vertiginosamente...



Fotos RUIZ

PROVAS ORGANISADAS PELA F. N. A. T.

A esquerda: A equipa de basquetebol do G. D. dos Ferroviários (de Campanhã) que, vencendo a Vacuum (Lisboa), por 56-22, ficou apurada campeão nacional corporativo de 1.ª categoria. A direita: A equipa de basquetebol do G. D. da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho (Porto) que, vencendo o G. D. Val do Rio (Lisboa), por 26-25, ficou apurada campeão nacional corporativo em 2.ª categoria.

TERMAS DE MONTE REAL

A MAIS LINDA ESTÂNCIA DE PORTUGAL

ESTÂNCIA DOS HEPÁTICOS E DOS INTSTINAIS

INDICAÇÕES CLÍNICAS:

DOMINANTES

Afecções intestinais e hepato-biliares (colites e colecistites crónicas)
Síndromas entero-hepáticos e entero-renais

SECUNDÁRIAS

Afecções das vias respiratórias — Reumatismos crónicos e doenças das senhoras

MÉDIA DE TEMPERATURAS				
Inverno	Primavera	Verão	Outono	Diferença Verão-Inv.
9.8	14.8	20.6	16.1	10.8
Observação do Posto da Junta de Turismo de Monte Real				



Águas únicas no País — As mais sulfatadas
cálcicas da Península — Clima privilegiado

Estância de Cura e de Repouso BALNEÁRIO MODERNO

Montado com a mais moderna aparelhagem para: Banhos de Imersão
Banhos Carbonatos e de Bolhas de ar, Duches de jacto, circulares,
lombares, (renais) e Baveses, Duches sub-aquáticos Enteroclistes, Gota-
Gota rectal, irrigações vaginais e Inalações.

SERVIÇO DE FISIOTERAPIA (10 Gabinetes)

Ondas curtas, (Neo-diatermia) Ondas médias, (Diatermia) Correntes galvânicas,
alta frequência, Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos

LABORATÓRIO DE ANÁLISES

Montado com toda a aparelhagem moderna para análises simples e completas.

Concessionário: *Olympio Duarte Alves*

Director-clínico: *Dr. Mário Rosa*

Médicos-Adjuntos: *Dr. Pereira Machado e Dr. Soares Brandão*

Laboratório e Agentes-Físicos: *Dr. Pedro Fernandes*

Radiologista: *Dr. Moura Relvas (Coimbra)*

INFORMAÇÕES:

JUNTA DE TURISMO DE MONTE REAL — Telefone 7
TERMAS DE MONTE REAL — Telefone 5

AS TERMAS MAIS PROGRESSIVAS DE PORTUGAL
DE 225 INSCRIÇÕES EM 1926 — A 3.575 EM 1945

Além de um magnífico Hotel, a Estância de Monte Real possui
ótimas Pensões e mais de 50 casas para alugar

PENSÕES:

INTERNACIONAL	50 quartos
MONTANHA	30 quartos
COZINHA PORTUGUESA	30 quartos
LISBOA	30 quartos
PENINSULAR	25 quartos
CAFÉ LIZ	10 quartos
CASA ANIBAL PEREIRA	15 quartos
CASA BATALHA	15 quartos
HOTEL FLORA	

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

Reparações / Acessórios / Recolhas

Garagem Atlantic

DE

FILIFE, CRISPIM & RODRIGO, LIMITADA

Rua de Tomar, 11 — LISBOA — Telefone 33

AUTOMOVEIS

Estação de Serviço, Recolha,
Reparações e Venda

PRONTO SOCORRO

Auto-Leiria, Limitada

Concessionários Ford

SEDE:
LEIRIA
Avenida dos Combatentes
Telef. 191

FILIAL:
CALDAS DA RAINHA
Rua Capitão Filipe de Sousa
Telef. 161

Oficinas de Calçado
Desportivo do Beato

DANIEL TEIXEIRA



Calçado em Todos os Géneros
Artigos Para Sport

Especialidade em botins tipo alentejano
E MOCIDADE PORTUGUESA

Fabricantes de bolas para os Campeões
de Lisboa e das Selecções, fornecidas
pela CASA PEIROTEO

TELEFONE 38 - 298

5, Calçada Duque de Lafões, 5

LISBOA

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), **Tennis**, **Hipismo**,
Natação, **Esgrima**, **Tiro**, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

*Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-
térpico. Laboratório de análises clínicas.
Gimnástica Médica. Meçagens*

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida—Sala de armas
Escola de equitação—«Stands» de Tiro

CASINO.

Aberto todo o ano
**Cinema—Concêrto—«Dan-
cing»—Restaurante—Bars**
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

Recolha & Oficina & Auto-Reboque
Gasolina & Gasoil & Óleo & Petróleo
A c e s s ó r i o s

Agentes distritais:

Renault — De Soto — Bernard — Fiat

Garagem São Francisco LIMITADA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SONAP

Ruas Capitão Mousinho de Albuquerque e São Francisco
Telefone 141 **LEIRIA**

TELEFONE 138

DESPORTISTAS

Preferam os Refrigerantes
da

Sociedade de
Refrigerantes Liz,
L i m i t a d a

Laranjadas naturais
Pirolitos
Gazosas

Rua Capitão Mousinho
d'Albuquerque, 95-97

L E I R I A

Sr.º Automobilistas:
*Se necessita de qualquer re-
paração eléctrica no seu au-
tomóvel consulte sempre a*

ELECTRO-CENTRAL DE LEIRIA

*onde encontrará um com-
pleto sortido de peças para
os equipamentos*

Delco Remy, Auto-Lite
e Lucas

e pessoal devidamente
habilitado

Rua Capitão Mousinho
d'Albuquerque, 14

L E I R I A

Recapagem Moderna de Beiria de José Jacinto Nunes

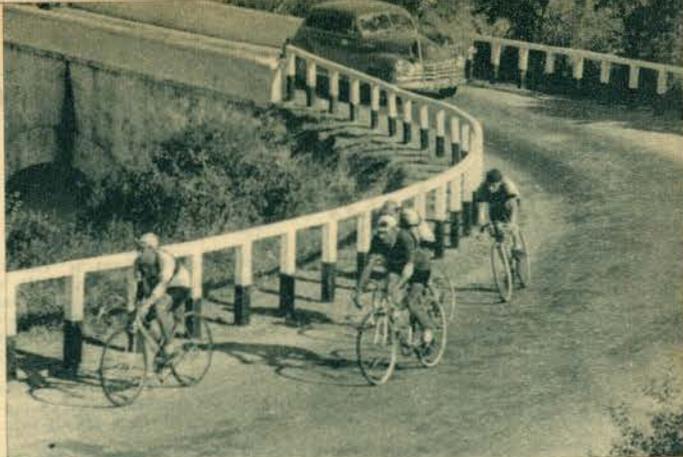
Rua de Tomar, 35 a 43 — Telefone 213

O melhor sistema americano
para a reconstrução dos pneus

LEIRIA



Os corredores deixaram o Algarve, percorrendo uma paisagem extraordinariamente bela, em Alportel, a caminho do Barranco Velho



Os corredores seguem em boa pedalada, próximo de Alcácer do Sal



Próximo de Beja, a perseguição de Jean Gueguen torna-se mais séria...



Fotos JORGE GARCIA

Em plena Serra do Algarve, os corredores da frente pedalam vigorosamente!



Realizou-se na sede da Federação Portuguesa de Futebol, na passada segunda-feira, uma reunião convocada pela Associação Académica para tratar do alargamento da Primeira Divisão. Fizeram-se representar todos os clubes que disputam a Divisão maior, e à excepção do Belenenses, todos foram concordes em reconhecer o direito da Associação Académica de Coimbra não descer, por razões de ordem tradicional, desportivas, económicas e geográficas. Foi resolvido que uma Comissão composta por representantes do Benfica, Sporting, F. C. do Porto, Vitória de Setúbal, Olhanense e Sporting da Covilhã, e delegados das Associações Distritais, se avistasse com o sr. prof. Pires de Lima, ilustre ministro da Educação Nacional, requerendo a permanência da Académica e a entrada do Barreirense. Tão justa decisão deverá causar viva satisfação não só em Coimbra como em todo o país.



O ciclista José Martins e mais dois corredores, já perto de Setúbal



Maximiano Rola, seguido de Fernando Moreira, conquista para Sporting, em Setúbal, a única etapa da Volta

O pugilismo amador nos J. O. de Londres

O Torneio Olímpico de Boxe, não só pela quantidade de inscrições que reuniu como pela qualidade dos jogadores selecionados apresenta-se como um verdadeiro campeonato mundial de pugilismo amador.

Nada menos que seis campeões da Europa (Luis Fernandez, espa-

nhol; Bogacs, húngaro; Vissers, belga; Quentemeyer, holandês e Colmeln, irlandês) das categorias *mínimos, levíssimos, leves, semi-pesados e pesados* foram até Londres competir com americanos e asiáticos.

Ao lado destes «setes», a Europa reuniu um escol magnífico de praticantes, de tal modo que os favoritos, *a priori*, dentro das respectivas categorias ponderais, podiam considerar-se os seguintes:

Pesados: Lambert (EUA), Iglesias (Arg.), O'Colmeln (Irl.) e Beslini (Ital.).

Semi-pesados: Quentemeyer (Hol.), L'Hoste (Bel.), Di Segni (Ital.) e Roude (Fran.).

Médios: Escudlé (França) e Washington Jones (EUA).

Semi-médios: Max Schacklady (Ingl.), Pepp (Hung.) e Herring (EUA).

Leves: Wallace Smith (EUA) Minnetelli (Ital.) e Vissiers (Bel.).

Semi-leves: Peter Brander (Ingl.), E. Delannoll (Bel.), Ammi (França), Johnson (EUA).

Levíssimos: Bill Boslo (EUA), Proffitt (Ingl.), Bogacs (Hung.).

Mínimos: Luis Martínez (Esp.), Menezes (Perú), Pascual Perez (Arg.) e Mejdlorj (Tcheco).

Dos 206 inscritos — número oficial de última hora e que exclui os reservas — o veterano é o semi-pesado polaco Francisco Szymura, com 35 anos e o mais jovem, um argentino com 14 e Wallace Smith (17).

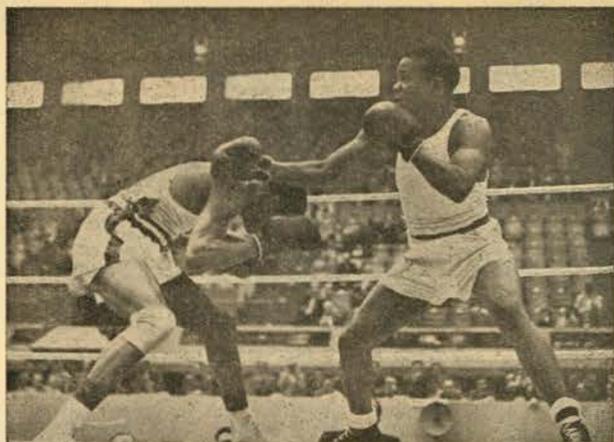
Durante as primeiras eliminatórias produziram-se alguns resultados francamente imprevisíveis, como a eliminação do inglês Proffitt à custa do mexicano Ojeda Mispico (levíssimo), cujo jogo de pernas e golpe de visto se fizeram notados; e derrote de Bill Boslo, pelo francês Grenot, por escassa vantagem, sendo de notar que este último era pouco cotado; do sueco Ahlin pelo belga peruviiano Rivera Saenz, etc.

No segundo dia e derrocada dos favoritos recomçou. O pugilista francês Ammi (semi-leve) surpreendeu o inglês Brander, com a guarda à direita e ganhou-lhe por pontos. O americano Johnson, homem de côr, desembarçou-se do neozelandez Gaslin antes do 3.º assalto e anunciou-se como futuro vencedor.

O peso pesado Lambert (E. U. A.) venceu o brasileiro Santos. Pô-lo na lona durante o primeiro assalto e triunfou largamente por pontos. O italiano Minnetelli era também vencido pelo francês Ceulet, deixando marcada a sua supremacia como estilista.

Os franceses exultaram com certa razão, pois alcançaram 6 vitórias em 6 desfechos, mas no terceiro dia de provas só Escudlé se manteve na brecha. Ceulet perdeu com o brasileiro Zumbano (pontos). Grenot era adormecido pelo italiano Zuddes (2.º round); Ammi era vencido pelo sul-africano Sheppard (os dois discutivelmente e Roude tomava aos pés do negro porto-riquenho Quitcon (1.º assalto).

As simpatias do público inclinava-



O combate entre os amadores Johnson (EUA) e Alves (Uruguaí) levantou o clamor de assistência que pateou, gritou e barefusão contra a decisão dos juizes, concedendo a vitória por pontos ao pugilista americano (à esquerda na gravura)

rem-se para o uruguaio Alves, que dominou Johnson (E. U. A.) e não teve o sufrágio dos juizes. O protesto do público foi veemente.

Nos meios-pesados registre-se a vitória do argentino Cla sobre o holandez Quentemeyer e o derrote do mexicano Ojeda, desqualificado em benefício do espanhol Domelech (semi-leves).

Na data em que escrevemos estes comentários já se encontram designados os finalistas do torneio. Na categoria *mínimos* são o argentino Pascual Perez e o italiano Bandinelli; nos *levíssimos* o húngaro Csik e o italiano Zuddes; nos *semi-leves* o sul-africano Sheppard e o italiano Formentil; nos *leves* estão apurados o dinamarquez Wadd, o americano Wallace Smith, o belga Vissers e o sul-africano Dreyer; nos *semi-médios* disputam a final o americano Herring e o checo Torma; nos *médios* estão finalistas Wright, Inglez, e Papp, húngaro, nos *semi-*

pesados o sul-africano Hunter e o inglês Scott; nos *pesados* o argentino Iglesias dispute a supremacia ao sueco Nilsson.

Telegrama da última hora, informou-nos dos resultados verificados durante os combates finais para dispute dos títulos olímpicos.

Na categoria *mínimos* triunfou o argentino Pascual Pérez, batendo o italiano Bandinelli; em *levíssimos* venceu o húngaro Csik, que sobrepoujou outro italiano, Zuddes; em *semi-leves* Formentil (Itália) derrotou o sul-africano; em *leves*, Dreyer (África do Sul) bateu o belga Vissers; em *semi-médios* o checo Torma triunfou sobre o americano Herring; em *médios* o húngaro Papp bateu o inglês Wright; em *semi-pesados* Hunter (África do Sul) ganhou a Scott (Inglaterra) e na categoria máxima o argentino Iglesias venceu o sueco Nilsson.

Como se vê, os americanos foram surpreendentemente eliminados!

assinem a STADIUM

Rafael Barradas

NUMEROS E CURIOSIDADES

(Continuação da pag. 5)

cada, 5 bolas, e sofrendo apenas duas, contra o «Braga».

O bom tempo voltara, afugentando nuvens negras. O fim de 1.ª volta chegou, com o Oihanense à cabeça dum grupo de 4 clubes, todos com 10 pontos, e aspirando ao 8.º posto. A equipe de Cabrita Inilou a 2.ª volta com uma vitória sobre os estudantes, mas só dois meses depois conseguiu vencer outra vez! No ante-penúltimo lugar, o Oihanense distava apenas dois pontos do Sporting de Braga... E como de outra vez, a recuperação veio com um resultado de 5-0, desta feita, infligido ao Boavista. Os campeões algarvios perderam no domingo seguinte, em Guimarães, mas empataram

dois jogos consecutivos, o primeiro em Braga e o segundo em Oihão, contra a equipe de Mariano Amaro. Apesar destes bons resultados, a tranquilidade não era absoluta. Na derradeira jornada, o Benfica recebeu o Oihanense, vencendo o favorito, porém, sem consequências de maior para o clube algarvio, pois o Sporting de Braga não conseguira tornar o obstáculo das Selasias como era natural, sujeitando-se ao jogo de passegem contra o sub-campeão de Il Divisão.

A carreira do famoso clube algarvio foi irregular e só a espaços o «conze» actuou com a personalidade das grandes equipes.

Vasco C. Santos

A seguir: Lusitano Futebol Clube.

A maior desilusão

SE os Jogos de Londres revelaram algumas estrelas e confirmaram outras reputações, também desiludiram muitas esperanças e derrocaram certos ídolos. De entre todas as celebridades aquela cuja falência fez maior retumbância, foi a do nadador francês Alex Jany.

Recordista mundial dos 100, 200 e 400 metros, campeão da Europa nas mesmas distâncias e vencedor absoluto nas corridas que disputara, no ano passado, durante a sua digressão aos Estados Unidos, era considerado favorito e a imprensa do seu país — contando já com a pele do urso antes de morto — anunciava que Jany fora inscrito nas três distâncias do programa olímpico, 100, 400 e 1.500 metros, para alcançar o triplo coroaamento, inédito na história da natação olímpica.

O resultado é conhecido por todos: quinto nos 100 m., sexto nos 400 m., Jany preferiu não se apresentar à partida da última e maior corrida.

Os franceses sofreram a sua maior desilusão e, no entanto, outras registaram de vulto: Hansenne, Pujazon, Sapheridés...

Após a catástrofe nos 100 metros, que iniciou a derrocada, a consternação no «clan» gaules assumiu proporções de tragédia: só dignamente, o campeão vencido conservou a calma imperiturbável de um bom desportista.

Sua irmã, também seleccionada em natação, sofreu uma crise nervosa e perdeu os sentidos; em volta dela, todos os componentes da equipa de nadadores tinham os olhos rasos de lágrimas. No vestiário, onde se recolhera, Jany apenas encontrara camaradas silenciosos e uma atmosfera de desolação.

A primeira palavra de conforto veio de seu pai, que, com uma palmada carinhosa, lhe disse: «Não desespere; os Jogos ainda não acabaram.»

Infelizmente a segunda derrota foi ainda mais severa do que a primeira e Jany, o nadador que engordou seis quilos desde os campeonatos da Europa e foi talvez vítima da sua própria confiança e da confiança dos seus compatriotas, não alcançou sequer um «accessit» nos exames olímpicos.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

O povo costuma dizer: «Guardado está o bocado para quem há-de comê-lo!» Parafrazando o ríto, enunciaremos: «Guardado está o cavalo para quem deva sentar-se no sela.» O caso passou-se agora, em Aldershot, onde se concentraram os concurrentes hípicos das nações concorrentes aos Jogos Olímpicos de Londres, entre as quais figuravam franceses e americanos do norte, sem falar de portugueses. É claro.

Pois os compatriotas do poeta Vitor Hugo sofreram há dias uma decepção formidável, daquelas que fazem perder o apetite ou azedar a comida no estomago. O episódio merece referência, tanto mais que teve pouca ou nenhuma publicidade.

Quando os cavaleiros franceses admiravam os equídeos da equipa dos Estados Unidos, um dos circunstantes soltou um brado de espanto irreprimível. Diante de si deparava-se-lhe a silhueta dum belo animal, que ele julgou reconhecer:

— Por Deus! É mesmo o «Honduras!» disse o sujeito alóntico.

Logo os outros rodearam o bicho e pouco depois estavam completamente de acordo. Tratava-se do meio-sangue francês, denominado Honduras e que em 1939 conquistou em Londres a Taça Real montado pelo mejor Bizard.

Poucos segundos decorridos, o cavaleiro a quem o magnífico animal fora distribuído esclareceu os visitantes franceses informando-os de que o equídeo tinha sido recuperado durante a ocupação da Alemanha e, como a sua planta era magnífica foi embarcado para os Estados Unidos onde o batizaram de novo, chamando-lhe — prosaicamente — Mipper.

Pensam os franceses, que no caso do bichano vencer alguma prova devem subir ao mastro olímpico duas bandeiras: a americana, em homenagem ao cavaleiro, e a francesa dedicada ao animal.

Serão-nos permitido perguntar, amigo leitor: Isto tudo não parece negócio de ciganos? E o tal processo de obter bons cavalos de sela — o da recuperação — não lhes cheira a trapacidade?

HA quarenta anos, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Londres — em 1908, já se vê — a corrida da Maratona foi a mais pungente e espectacular de todas as provas atléticas. Nenhuma época melhor os torneos da Grécia Antiga, ligada à batalha decisiva que salvou Atenas das hostes dos Persas e com ela o destino da Helade. Por isso, os espectadores fixavam os olhos na porta principal do Estádio Olímpico, de White City, aguardando a chegada do primeiro atleta que se acercasse da meta.

Entre clamores, transpôs o portão a figura esguia e minúscula de um italiano, Pietro Dorando, tão exausto e à beira do colapso que três vezes caiu no solo e outras tantas se levantou, com ferrea energia, para alcançar o triunfo.

Fazia dó presenciar aquela luta, entre a vontade indômita do cérebro e a decadência da carne. Quando Dorando tombou pela terceira vez, vários populares saltaram à pista, ajudaram-no a erguer-se e sustentaram-no até à linha de chegada, isto quando o americano Hayes, segundo classificado, fez a sua entrada no Estádio.

A Rainha de Inglaterra, Alexandra, esposa de Eduardo VII presenciou cheia de emoção o transe dramático. E, quando se soube que o júri havia desclassificado Dorando porque os seus amigos o tinham auxiliado a percorrer a escassa distância de oito metros — ele, que havia calcuado quarenta e dois quilómetros, ardendo em febre e alucinado pela vontade de vencer! — a Rainha Alexandra teve um lindo gesto: mandou fabricar uma bela taça de ouro e ofereceu-lha, como prémio pela sua tenacidade infeliz.

Agora, em Londres, o mesmo drama ia-se repetindo. O belga Etienne Gailly, de 21 anos, foi o primeiro a atravessar o portão de entrada, mas tão débil e consumido que percorreu os últimos 420 metros a passo de enterro, como um sonambuloso, deixando-se ultrapassar por dois adversários. Ao cruzar a meta desmaiou e foi levado para o hospital, mas está livre de perigo nesta hora.

Registemos a coincidência dos dois factos a quarenta anos de intervalo e, mais ainda, a falta de uma Rainha Alexandra, de porte magestoso, tão bela como as monodas da Renascença, que pintou Rafael Sanzio, e de emolvidade sensível e bondosa como as verdadeiras fidalgas — que hoje já desapareceram à flôr da Terra, para todo o sempre.

R. B.

JOGOS OLIMPICOS

Curiosidades

O único país concorrente, cujos habitantes não puderam ouvir relatos dos Jogos no seu próprio linguage, profertou ao microfone de B. C. C., foi o Afghánistan. Por falta de locutor habilitado.

Os emadores de estatísticas hão-de apreciar os elementos que abaixo referimos, e dizem respeito à quantidade de primeiros, segundos, terceiros, quartos... até sexto lugares, alcançados pelos vários países concorrentes aos Jogos Olímpicos nas diversas competições.

El-os em ellellismo:
E. U. A. — 11, 5, 10, 7, 2, 6; total, 41. Suécia — 5, 3, 5, 2, 6, 3; total, 10. G. Bretanha — 1, 5, 1, 3, 4, 3; total, 17. França — 2, 3, 3, 2, 2.

Sómente 25 países puderam ter atletas entre os seis primeiros classificados entre todas as provas. Os últimos foram a Turquia que alcançou um 3.º e o Brasil, com um 6.º. Todos os demais ficaram fóra da lista.

Agora, na selecção:
E. U. A. — 12, 10, 3, 1, 2, 1; total, 29. Hungria — 0, 1, 3, 4, 2, 0; total, 10. Dinamarca — 2, 2, 1, 0, 1; total, 7. Holanda — 1, 0, 2, 0, 2, 2. Depois, vêm: França, Inglaterra, Suécia, Austrália, México, etc. O último país com um atleta entre os seis primeiros foi a África do Sul (sexto lugar).

Como se vê, a superioridade dos Estados Unidos, nestes dois importantes modalidades desportivas, é esmagadora.

Calçado de Luxo

SAPATARIA AZUL

Calçado para homem
senhora e criança

Novos modelos
sempre aos melhores preços

220, Calçada da Ajuda — LISBOA

Sub-Agência da VACUUM

Representantes no Distrito de automóveis e camionetes ROLLS-ROYCE, BENTLEY, STUDEBAKER, STANDARD, WILLYS e TRIUMPH

Camións UNIC, WHITE e WILLEME

Representantes dos materiais de construção LUSALITE e tintas DUCO

Lopes dos Santos & Marques

Rpartado 17 — Telefone 129
LEIRIA

Pneus DUNLOP, FIRESTONE e U. S. ROYAL

Completo stock de acessórios para todos os carros da GENERAL MOTORS e RENAULT

OFICINA DE REPARAÇÕES

Estação de Serviço Carro próprio para reboque

Preços sem concorrência Lubrificação especializada

BOXE

Novas disposições regulamentares

No Studio do Polytechnic Institute, de Londres, reuniu-se o Congresso de Associação Internacional de Boxe Amador, sob a presidência de Gremaux. Estiveram presentes 43 nações.

O assunto essencial que se debaleu foi o estudo dos Regulamentos. Resolveram, desde já, exigir que em todos os torneios a espessura dos lpetes de borrecho, postos sobre as plataformas do ringue tenha entre 1,05 e 1,09 centímetros.

Também ficou essente que o presidente do júri de recurso, ordene e promova o substituição do árbitro no caso deste ter qualquer acidente brusco e imprevisto (posto K-O, folecimento, etc.) durante o decorrer dos deslojos.

FUTEBOL

Amadores... remunerados

Pela primeira vez, na história da existência da Associação de Futebol de Inglaterra, este organismo acellou a ideia de remunerar os praticantes amadores... por salários perdidos, já se entende!

Foi preciso que se promovesse uma reunião solene dos condados do País e se pusesse o assunto à votação. Vinte e três condados foram favoráveis e onze rejeitaram a proposta. Futeu especificado, porém, que o futebolista deve prover de modo insólito possível que perdesse salários por causa de treinos ou deslojos de carácter oficial.

Quanto a outros jogos, sem o rótulo oficial, só dentro de dois anos será o assunto devidamente apreciado.

BASQUETEBOLE

Novas regras do jogo

O Congresso da Federação Internacional de Basquete Amador (F. I. B. A.) resolveu, durante a primeira reunião efectuada em Londres, alterar alguns disposições regulamentares que em seções apresentamos:

1.º) — As equipas podem, de futuro, dispôr de doze jogadores em vez de dez.

2.º) — A largura do corredor para lançamento das boles livres será de 2,75.

3.º) — O estacionamento na zona de lançamento livre é limitado a 3 segundos.

4.º) — As substituições de jogadores deixam de ser limitadas.

Sociedade Figueirense de Panificação, Lda.

PADARIAS
Escritório — R. da República, 109
Telefone, 149 — Figueira da Foz



Os irmãos Duarte e Fernando Belo afirmaram-se em Londres velejadores de grande categoria, conquistando um belo triunfo nos Jogos Olímpicos. A 2.ª classificação na prova de «Andorinhas», pela forma como foi conquistada, vale bem um título olímpico. Venceu a Inglaterra por escassa diferença de pontuação (46), mas os ingleses não nos foram superiores. Tripulando um barco, o «Symphony», numa classe que não conheciam, os representantes de Portugal obtiveram os seguintes lugares nas 7 regatas que constituíram a prova (1.º, 4.º, 4.º, 5.º, 1.º, 5.º, 1.º).

Os irmãos Duarte e Fernando Belo, instrutores da Mocidade Portuguesa desde 1943, contam na sua carreira brilhantíssimos triunfos, entre os quais se devem destacar os alcançados em Berlim (1939) e Vigo (1942).

Terminou a 7.ª e última regata. Duarte e Fernando Belo deixam o «Symphony», acarretando os apetrechos marítimos, como é próprio dos velejadores, com a satisfação do dever cumprido e a honra de terem conseguido para Portugal o melhor resultado de toda a representação portuguesa.